FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

INTIMIDADE HISTÓRICA DA MULHER NA LITERATURA

Eliete Macário da Silva

S586i

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG Nº 5179
Data 16 / 04 / 99

Pontes e Lacerda-MT, maio de 1998.

Turma 1997/2 Ex 01

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERD
DEPARTAMENTO DE LETRAS

INTIMIDADE HISTÓRICA DA MULHER NA LITERATURA

Por
Eliete Macário da Silva

Ensaio monográfico apresentado ao curso de Graduação de Letras da UNEMAT (MT), como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Língua Portuguesa e Literatura.

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
UNEMAT
BIBLIOTECA

Pontes e Lacerda-MT, maio de 1998.

A mulher tem na face dois brilhantes
Condutores fiéis do seu destino
Quem não ama o sorriso feminino
Desconhece a poesia de Cervante.

(Zé Ramalho)

À meus pais, José Macário e Josefa Macário, irmãos: Elias, Eliseu, Marta, Maria, em especial `a pessoa que eu amo Petrúcio Justino da Silva. Meu profundo reconhecimento e carinho pelo apoio que me deram, sabendo valorizar e compreender o meu elevado esforço, dispensando-me do convívio mútuo, para que pudesse cumprir com meus deveres, e, assim contribuíram para o meu êxito.

Deus,
Formaste o meu espírito crítico, estimulaste a minha consciência, e, finalmente realizaste o meu futuro profissional. "Que posso eu oferecer a ti por tudo que tem me dado? " Salmos 116-12.
Aos professores José Leonildo Lima, Teresa Pazos da Silva e Léia da Silva Gomes; que contribuíram para o meu bom êxito, compartilhando das minhas idéias, incentivando-me a prosseguir na jornada e enfrentar eventuais obstáculos, dedico a minha conquista com mais sinceros e indescritíveis agradecimentos.

SUMÁRIO

Apresentação.....07

Época autora e obra.....08

Considerações finais.....44

Bibliografia.....55

Anexos.....57

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

APRESENTAÇÃO

Sabendo que a literatura é o reflexo de um momento histórico, estarei retratando algumas obras de autoria feminina; buscando destacar em cada estilo de época, os principais acontecimentos político-sociais, bem como suas relações com a produção artística.

Baseado na teoria de Salvatore, será retratado o movimento Modernista e as correntes filosóficas que explicam a evolução literária ocorrida no século XX.

Para retratar esse movimento histórico, será analisada a obra da escritora Florbela Espanca (Literatura Portuguesa) década de 20; e obras das escritoras Clarice Lispector década de 70, e Marina Colasanti década de 90, (Literatura Brasileira).

Através da análise dessas obras será retratado o momento de crise interior da mulher e sua ruptura com o mundo em que vive; bem como a violação dos conceitos familiares e religiosos regidos pela sociedade de cada época.

ÉPOCA AUTORA E OBRA .

No século XX , com a evolução industrial surgem novas correntes filosóficas (o Existencialismo, o pensamento intuicionista, a liberação da vontade, a psicanálise e a força do trabalho humano), estes pensamentos filosóficos explicam a evolução literária ocorrida, que tratar-se-à segundo a visão de Salvatore D'Onofrio na obra Literatura Ocidental.

O filósofo Kierkegoard, é considerado o fundador do Existencialismo por ter sido o primeiro a insurgir-se contra os marcos - sistemas especulativos do Racionalismo francês e do Idealismo alemão, "afirmando o valor irredutível da vida individual, que não pode ser compreendida dentro de um sistema filosófico abstrato". (Salvatore, 1990:135).

O pensamento intuicionista defendido pelo filósofo Henri Bergson, vai ao encontro das doutrinas materialistas e mecanicistas que dominavam a cultura européia, causando uma grande revolta, por valorizar decisivamente o papel da intuição. Segundo ele "enquanto o conhecimento através de conceitos apresenta a realidade como algo estático e imutável, a apreensão pela intuição estabeleceu uma comunicação direta entre o "eu profundo" (que muda continuamente) e a interioridade dinâmica das coisas (Salvatore, 1990:135).

Nietzsche, filósofo alemão, é levado pelo seu pensamento reflexível, à negação da metafísica e dos valores morais, acreditando na liberação da vontade. Para Nietzsche.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

> *"Idéias são apenas invenções de filósofo, pois na realidade não há separação entre os dois mundos, o da essência e o da aparência, o do verdadeiro, o do falso, do inteligível e do sensível. O que existe é um 'eterno retorno', uma alternância do bem e do mal, da alegria e do sofrimento, da criação e da destruição, da ressurreição e da morte".(Salvatore, 1990:135).*

E com esta afirmação, Nietzsche critica as teorias de Sócrates e Platão sobre a existência de um mundo ideal, onde residiriam as essências do Divino, do Verdadeiro, do Belo, do Bom, separadas das aparências do mundo sensível.

O neurologista austríaco Sigmund Freud, defende as teorias com base na psicanálise (estudos sobre a formação da personalidade humana). Procura explicar as camadas mais profundas da psique humana: o inconsciente e o subconsciente. Contando com a colaboração dos colegas Joseph e Martin Charcot (estudos sobre a histeria, 1895), e com ajuda da hipnose, Freud estudou casos clínicos de comportamentos anômalos ou patológicos; insatisfeito com os resultados obtidos pelo hipnotismo,

> *"inventou um método que até hoje é usada pela psicanálise: o das 'livres associações' de idéias e de sentimentos estimuladas pelo terapeuta por palavras dirigidas ao paciente com fim de descobrir a fonte das perturbações mentais. Para este caminho de regresso às origens de um trauma, Freud se utilizou especialmente da linguagem onírica dos pacientes, considerando os sonhos como compensações dos desejos insatisfeitos na fase da vigília (a interpretação dos sonhos, 1899)". (Salvatore, 1990:135)*

Karl Heinrich Marx apóstolo das doutrinas socialistas, em sua teoria defende a força do trabalho humano, afirmando que a "essência das coisas não reside nas 'idéias' mas nas realidades objetivas. O conhecimento do real só é possível pela análise da dialética dos meios de produção". (Salvatore, 1990:135). Para proverem suas subsistência os homens estabelecem relações fundamentais com a natureza e com os outros homens.

Surge um trabalho crítico escrito por Friedrich Engels, filho de industrial, retratando a economia capitalista. E através deste relato Marx adquire mais informação sobre a vida operária. Ambos acreditavam na "importância da luta do proletariado contra o capitalismo explorador das forças do trabalho humano" (Salvatore, 1990:135).

Essas tendências filosóficas firmaram o pensamento dos escritores com novos conceitos enriquecendo suas idéias e também influenciando no surgimento de uma escola literária chamada modernismo.

1- O MODERNISMO A NÍVEL MUNDIAL

O "Moderno" é um vocábulo que traz vários sentidos. Para Zola era o científico (cientificismo). As teorias de Claude Bernardi, "consistia no gosto melancolia e das ruínas" (Massaud, 1994:14). Esta também trazia propostas revolucionárias capaz de impedir as forças do convencionalismo.

"Se desde sempre a palavra 'moderno' sofreu mobilidade semântica, uma época parece ter levado as últimas conseqüências a crise do moderno: é precisamente o século XX" (Massaud,1994:17).

A partir de então surge o modernismo, e a existência ganhou espaço e credibilidade que influenciou novas tendências da vanguarda como: Simbolismo, Imprecionismo, Dadaismo, Interseccionismo

e Sensacionismo. São estes alguns "ismos" ligados ao Modernismo. E cada um por si dá uma idéia do entrelaçamento estético que caracteriza a época. "Cresce o espírito moderno e se expande de Chicago a Moscou, de nova York a Paris, de Milão a Lisboa, de Madrid ao Rio de Janeiro". (Massaud, 1994:17)

2- O PRIMEIRO MOVIMENTO MODERNISTA NO BRASIL

Segundo Massaud, Nesse quadro se inscreve o nosso modernismo: seus antecedentes gerais se encontravam na Europa do tempo moderno, constituindo assim o subsolo em que se nutre, o que desde logo o equívoco de considerá-lo autóctone, independente. Por outro lado, é forçoso levar em conta a conjuntura local, os antecedentes nacionais que prepararam a erupção da Semana de Arte Moderna, em 1922.

Se de um lado a belle époque, ou as metástases simbolistas que nelas se disseminam, constitui período anunciador da revolução operada a partir de 1922, de outro, no seu discurso se observam sinais que apontam decisivamente naquela direção. Em 1912, simbolicamente a meio caminho entre a publicação de Canaã e a Semana de Arte Moderna, Oswald de Andrade compôs seu primeiro poema "Último Passeio de Um Tuberculoso pela Cidade". Em 1914 Anita Malfatti faz exposição de suas telas, mas suas obras não foram aceitas. E neste mesmo ano Ronald de Carvalho juntamente com Luís de Montalvor lançou em Portugal a Revista Orpheu, sendo esta um projeto luso-brasileiro que contribuiu para a aproximação dos dois países.

Esse movimento literário foi interrompido por dois anos. E durante esse tempo, 1914 a 1916, teve início o modernismo em Portugal.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

2.1 O MOVIMENTO MODERNISTA EM PORTUGAL

Este movimento teve início depois do lançamento da revista Orpheu, esta surgiu depois de uma conversa que Ronald de Carvalho tivera com Luís Montalvor durante um tempo que permaneceu no Rio de Janeiro como secretário da embaixada do seu país (Portugal). Tornando-se mediador entre os dois modernismos (Portugal e Brasil).

Segundo Benjamim Abdala Júnior, foi a partir da publicação da revista Orpheu que as correntes literárias modernistas tiveram maior aceitação no país, embora esse movimento fica a restrito a Lisboa. O objetivo era atingir a classe burguesa escandalizá-la, indo de encontro com o provincianismo e a "literatura estereotipada da tradição neo-simbolista e neo-romântica" (Benjamim, 1985:112).

Um segundo número do Orpheu é publicado em 1915, sob a direção de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro"Confirmando o alcance da nova revista e provocando escândalo suficiente para determinar a reviravolta cultural preconizada pelos moços" (Massaud, 1994:135). Apesar da curta duração, a revista havia alcançado seu objetivo, ao mesmo tempo que introduzia o modernismo em Portugal.

O primeiro Modernismo Português estava associada à profunda instabilidade político-social da primeira República. Constituiu uma resposta artística de setores sociais mais inovadores e cosmopolitas das classes citadinas. O progressismo dessas forças sociais que serviram de base política para a República, entretanto, foi bastante ambíguo.

A jovem República (1910 – 1926) teve o Partido Republicano (o "Partido Democrático", como ficou conhecido) como seu principal núcleo político. Foi um partido com várias tendências, mas com predominância de centro-esquerda. Na oposição tiveram blocos de curta duração de partidos conservadores.

As contínuas dissidências internas do partido Democrático impossibilitaram-no de desenvolver um programa de governo até o fim. Os governos parlamentares sofriam grande oposições, tanto da esquerda quanto da direita. "A conseqüência dessa instabilidade foi a afirmação gradativa de tendências autoritária antiparlamentares". (Benjamim, 1985:112).

A instabilidade político-social do país contribuiu para que o movimento modernista tomasse campo na literatura, crescendo o número de escritores e prosadores de Portugal.

Dentre tantos escritores que contribuíram para este movimento, apenas alguns nomes são citados por Massaud Moisés: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Raul Leal, Luís de Montalvor, Aquilino Ribeiro e várias escritoras como: Sofia de Mello Breyner, Fiama Hase Pais Brandão, Ana Hatherly. Dentre todas as escritoras citadas, segundo Massaud Moisés apenas Florbela Espanca teve oportunidade de ver sua obra incluída na coletânea de textos literários por ser considerada obra perfeita.

2.2 O REINÍCIO DO MOVIMENTO MODERNISTA NO BRASIL.

Funda-se em 1916 a Revista do Brasil marcada por uma linha nacionalista sob a direção de Wilson Martins. Publica-se Rondônia, de Roquette Pinto, Casos e Impressões, de Adelino Magalhães, Historia da Literatura brasileira, de José Veríssimo. Era o fim do século XIX, na Literatura Brasileira e o inicio da História Modernista.

Mas segundo Massaud Moisés a data mais significativa neste primeiro evento foi em 1917, este passou a ser considerado o início da pré-história do modernismo, com a nova exposição de pintura moderna feita por Anita Malfatti após o retorno do EUA, onde estudara por um ano e

meio. Depois dessa exposição "juntam-se a ela não só pessoas da sociedade como também escritores, entre os quais os futuros modernistas de 22" (Massaud-1994:19).

A exposição provocou comentários variados, tanto a favor como contra, causando polêmicas em torno não só da pintora como a questão da validade da nova arte.

Nesse mesmo ano Oswald de Andrade, Mário de Andrade e outros escritores considerados os futuros modernistas de 22, juntam-se e publicam várias obras poéticas provocando a evolução individual, o mesmo ocorreu em outras artes como pintura, escultura e música. Todos conscientes da necessidade de lutar contra os obstáculos comuns que eram "o espirito conservador e passadista, obscurantismo o provincianismo cultural imperante na época". (Massaud-1994:21).

No Brasil não foi diferente de Portugal onde o movimento Modernista estava associado à instabilidade político-social da época . A semana de Arte Moderna não só foi vista como um movimento artístico, mas também como um movimento político-social.

Após os governos militares do início da República, os senhores rurais retornam ao poder fortalecidos pela economia do café que girava em torno de São Paulo e Minas Gerais. A partir do governo de Campos de Sales (1898-1902), é instituída a política dos governadores, que apoiavam o governo federal e este apoiava o governo estadual . "Esta situação acabou gerando as oligarquias, famílias ou grupos de políticos que perpetuavam-se no poder" (Nicola-168). São Paulo e Minas Gerais elegiam os presidentes, resultando na famosa política do café-com-leite que durou até 1930.

Com isto as principais cidades brasileiras, em particular a cidade de São Paulo, sofreu uma rápida transformação como conseqüência do processo industrial. Foi a primeira guerra mundial (1914-1918), a

responsável pelo impulso de industrialização que chegou a nível elevado de "3.358 industrias no Brasil, em 1920 esse número chegou a 13.336" (Nicola-184). Isto significou o surgimento de uma burguesia industrial cada dia mais forte, mais marginalizada por uma política econômica do governo federal voltada para a produção e exportação do café.

Foi através deste movimento político-social que surgiu a Semana de Arte Moderna. A idéia partiu do pintor Di Cavalcanti. A primeira intenção era fazer uma pequena exposição de Arte Moderna na livraria e editora O Livro; onde os modernistas costumavam reunirem-se para palestras, declamações e amostras de trabalho. Mas este plano foi mudado surgindo uma nova idéia de Paulo Prado, um homem culto, muito rico e de formação européia. Este juntamente com Di Cavalcanti concordaram que o objetivo deste movimento seria uma semana de escândalo literário e artístico com a intenção de chocar o público conservador.

Depois dessa idéia o projeto tomou corpo e ampliou-se com a associação de nomes destacados da alta sociedade paulista, que resolveram apreciar o evento que ocorreu nos dias 13,15 e 17 de fevereiro no Teatro Municipal de São Paulo.

Apesar das críticas e dos obstáculos a Semana de Arte Moderna de 1922, conseguiu o seu objetivo "a divulgação ampla de que existia uma outra geração de artistas lutando pela renovação da Arte brasileira, rejeitando o tradicionalismo e as convenções antiquadas, contribuindo para dar um impulso decisivo à atualização da cultura no Brasil". (Massaud, 1994:182).

Depois da Semana de Arte Moderna, entre 1922 e 1930, aconteceu a primeira fase do Modernismo. Este movimento estimulou o aparecimento de inúmeros grupos de vanguarda por todo o país, descentralizando a literatura que de certa forma, se concentrava no Rio de

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Janeiro. O movimento modernista dinamizou ainda mais a renovação literária e o experimentalismo.

Foram vários os escritores dessa primeira fase. Entre tantos, Massaud cita apenas alguns: Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto, Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira, Antônio de Alcântara machado, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Luís Aranha, Mário de Andrade, Paulo Prado e outros. Esta primeira fase apresentou algumas características básicas:

> **Acentuada inspiração nacionalista;*
> **Maior aproximação entre a língua falada e a escrita, valorizando-se literalmente a nível coloquial;*
> **Conquista definida de versos livres;*
> **Incorporação, pela literatura, dos aspectos marcantes da vida moderna e do progresso tecnológico" (Nicola,1996:178.)*

A partir do decênio de 1930, a literatura brasileira começa a caminhar na direção de seu amadurecimento, sobretudo com a estréia de uma nova geração de escritores que iriam se firmar autenticamente modernos, "preocupados com os problemas humanos e sociais de seu tempo". (Nicola-178). Surgindo assim a Segunda fase do modernismo. (1930-1945).

Nesta Segunda fase surgiram vários tipos de obras, o romance desenvolveu-se em várias direções: romances intimistas e psicológicos como os de Lúcio Cardoso, Cornélio Pena e Cyro dos Anjos; romances de temática social urbana como os de Dionélio Machado, Érico Veríssimo, Marques rabelo e Otávio de Faria. Na linha neo-realista destacaram-se Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, Jorge Amado, Rachel de Queiróz e Amado Fontes. A obra A bagaceira, de José Américo de

Almeida publicado em 1928, foi indicada como marco inicial dessa série de obras cuja intenção básica foi "a denúncia dos problemas econômicos do Nordeste, dos dramas dos retirantes da seca e da exploração do homem num sistema social injusto". (Massaud, 1993:194).

Inicia-se em 1945, o terceiro momento modernista que se prolonga até os nossos dias. Com o vigésimo aniversário da Semana da Arte Moderna, publicaram-se três artigos nO Estado de São Paulo, a publicação desses artigos serviram para a famosa conferência lida no Itamarati, a 30 de abril de 1942, "publicada neste mesmo ano pela Casa do Estudante do Brasil, sob o título de O Movimento Modernista, e no ano seguinte recolhida nos aspectos da Literatura Brasileira" (Massaud, 1993:384).

Essa terceira fase procurou rever a partir de 1922, todos os movimentos modernistas no Brasil, reformulando todos os conceitos, aos quais, estes ligavam-se na época, pois para essa nova geração eram conceitos ultrapassados que precisavam ser atualizados.

A partir daí surgiram vários escritores com novas idéias como Edgar Cavalheiro que foi um dos que contribuíram para esta mudança; para ele, a literatura deveria ser de caráter crítico e que seria preciso questionar novos valores. Mário Neme acatou essas idéias e publicou um livro sob o título de Planta forma da Nova Geração – 1945 editora globo de Porto Alegre, sendo que "dele participaram quase trinta escritores, os quais de um certo modo, representaram a geração dos moços intelectuais do Brasil de hoje" (Massaud, 1993:385).

Esta nova geração contribuiu para a evolução da poesia. Autores como Agripino Grieco (1888-1973) crítico impressionista que aliava a força da intuição a opiniões corajosamente expostas,

> *"de onde os acertos e premonições se alinharem com assertivas que o tempo*

> *não ratificou, mas sem dúvida indispensável como testemunho de um temperamento e com indício de um clima de época, autor de Vivos e Mortos (1933). Evolução da poesia Brasileira (1932), Evolução da Prosa Brasileira (1933), gente Nova no Brasil (1935), Machado de Assis (1959)" (Massaud-1994:387).*

Outros críticos afinados com os novos tempos foram Álvaro Lins (1912-1970), cuja militância jornalística amparada na idéia de conciliação entre criação e teoria ou filosofia literária, apesar da polêmica que causara, exerceu grande influência, incluindo obras de outros escritores como: Joaquim, Dante Milano, Mário Faustino, Tiago de Melo, Paulo Mendes Campos, Fernando Ferreira, Mauro Mota, Afonso Ávila, Stella Leonardo, Renata Pallottini e outros.

Massaud Moisés afirma que graças a Guimarães Rosa, Clarice Lispector e outros escritores, a prosa de ficção elevou a nível mais alto que a poesia, a onda renovadora do terceiro momento modernista, logrando efeitos mais convincentes e mais duradouros, "de certo porque movida por anseios menos experimentalistas, ou porque presa por condições a realidade concreta, soube evitar o fascínio enganador da Vanguarda pela Vanguarda, do novo pelo novo".(Massaud, 1994:52)

Aqui, encerra-se mais um ciclo de nossa modernidade e inicia-se a contemporaneidade (70/80).

> *"Estas décadas mudam totalmente todos os conceitos e normas até então vistos nos anos de 70 e 80, estréia o pós-tropicalismo o clima antropofágico e a poesia marginal, sendo que esta era cultivada por poetas independentes que reavivam, a atmosfera de 1922, pelos lados do coloquialismo, com todo o seu amor gratuito, ao cotidiano e a*

> *liberação do verso a ponto de beirar-se da prosa sem-literatura, que faz do desleixo propositado, do uso de palavrões, de tiradas pornografias, da gíria, do desrespeito a gramática, da irreverência extraída do dia a dia banal, a sua arma de subversão e protesto contra a ordem estabelecida". (Massaud, 1994:530)*

Massaud ainda afirma que é uma geração que professa a incultura ou disfarça calculadamente seus conhecimentos, visando efeitos anárquicos ou de rebeldia, sendo citado Fernando Pessoa "com o seu niilismo, o seu projeto indisciplinador, o seu verso sinfonicamente iconoclasta, se insinua como guia, a par de João Cabral de Melo, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e outros"(Massaud-1994:530).

A literatura dos anos 70 e 80, também estava associada ao momento histórico-político; como retrata a obra de Márcio Souza Mad Maria (1980). "Ele retrata a construção da ferrovia madeira Marmoré, que dizimou milhares de trabalhadores, na resistível Ascensão do Boto Tucuxi (1982)" (Massaud, 1994:537). E Ivan Ângelo, que foi considerado um dos mais bem dotados ficcionista de sua geração, os títulos das obras constituíram metáforas do país, "A Casa de Vidro", "Cinco Histórias do Brasil", vindas a público em 1979, manteve a qualidade factual e o compromisso ideológico da obra inicial.

O número de obras literárias cresceram devido a liberalização e permissividade que dominou os anos 70 e 80, e em parte como reação ao contexto sócio-político nacional. Presencia-se o aparecimento de várias escritoras como Edlas Van Steen, Sonia Coutinho, Ana Maria Martins, Lya Luft, Helena Parente Cunha e Cecília Prada, suas obras "assinalavam vínculo do erotismo com a sátira ao status político e

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

social, denunciando nos governantes e na burguesia sem rumo o emprego do sexo como instrumento de poder e de domínio". (Massaud-1994:539)

Entre tantas escritoras dos anos 70 e 80, é importante destacar uma das escritoras de obras mais recentes, Marina Colasanti, autora de contos, crônicas, ensaios, poemas e livros infantis. Em 1994, seu livro Ana Z., aonde vai você? Foi um dos ganhadores do Livro do Ano, do prêmio Jabuti. E uma outra obra de grande destaque foi o conto Eu sei, mas não devia, "é uma amostra do talento que faz da autora uns dos nomes mais respeitados da inteligência brasileira". (Rubem Braga)

Durante todo o movimento modernista são citados apenas nomes de algumas escritoras, sendo incluídas na coletânea de textos literários, as obras que se destacavam como as "melhores" as "perfeitas", como Florbela Espanca que teve sua obra considerada "perfeita" e de "qualidade" e sendo destacada como a figura feminina mais importante da Literatura Portuguesa, Clarice Lispector que teve sua obra classificada como de mais alto nível e Marina Colasanti como um dos nomes mais respeitados da inteligência brasileira.

3- LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

O século XX registra a afirmação crescente de escritoras entre os principais poetas e prosadores de Portugal. Há todo um processo de libertação social que encontra correspondência nas produções culturais. A afirmação é bem evidente nos últimos anos do salazarismo e no período democrático após a revolução de 25 de abril. (Evolução política comandada por Salazar)

As revoluções, como o amor, são idealmente vividas para lá de todas as formas de simbolização: laços suicidas que suspendem o corte entre a linguagem e a realidade; "atuações femininas" que apontam para o

abismo do Real, em vez de performances de palavras e feitos dirigidos à constituição de uma nova ordem. É por isso que, durante o período logo após a revolução de 25 de abril, a compulsão para representar o que parecia ser uma experiência "real" de comunhão coletiva, não pode deixar de passar o testamento de sua própria impossibilidade. Fascinados com o prazer recuperado de uma linguagem aparentemente livre e transparente, que a censura silenciara desde 1926, os escritores tentaram capturar para a posteridade esse momento ambivalente, miraculoso, desde a perspectiva de normalidade em que os gestos revolucionários depressa degeneraram.

> *"Daí que os seus textos não puderam deixar de expor, senão propriamente dramatizar, a falta que os subjaz como produtos culturais: porque o (re)construir lingüísticamente uma plenitude que permaneceu na ordem do sonho e da fantasia implica o reconhecimento da fratura que impele o sujeito falante, para sempre solitário e desejante, à ilusão de completude antevista onde braços se entrelaçam em fugazes euforias da história , ou sexo". (Assis, 1996:97).*

E por isso surgiram vários estilos de obras de escritores e escritoras de grande destaque na literatura, como podemos ver na obra de Florbela Espanca a luta contra as coersões sociais pré-capitalista que tem em sua obra um momento isolado, individual. A escritora insere-se no período de transição do simbolismo para o Modernismo.

3.1 FLORBELA ESPANCA

Segundo dados bibliográficos de massaud, Florbela de Alma da conceição Espanca nasceu em Vila Viçosa (Alentejo), em 8 de

dezembro de 1894. Em Évora, faz estudos secundários e escreve os poemas reunidos postumamente no volume Juvenília (1931). Casa-se então e não é feliz. Vai para Lisboa estudar Direito (1919). Nesse mesmo ano, publica seu primeiro livro de poemas, o Livro de Mágoas, que não provoca maior interesse por parte da crítica. Um segundo volume, O livro de Soror Saudade (1923), também passa despercebido. Separa-se do marido e tenta debalde uma nova experiência matrimonial. Deprimida, desiludida e doente, retira-se do convívio social e entra a cultivar os raros amigos que lhe restaram; mal colabora em jornais ou revistas com breves composições. Recolhe-se a Matosinho, em busca de melhora, alentada agora por um novo casamento com um homem à altura do seu talento. Mas é tarde: na noite de 7 para 8 de dezembro de 1930, falece naquela cidade, enquanto dorme profundamente graças a ingestão excessiva de barbitúricos. Suicídio? Acidente? Não se sabe ao certo.

Além dos volumes referidos, saíram postumamente: Reliquiae (1931), Charneca em flor (2ª ed.,1931) e dois livros de contos (As Máscaras do Destino e Dominó Negro ambos de 1931).(Massaud, 1994:253)

Observa-se que as poesias e contos de Florbela Espanca são produto duma sensibilidade exacerbada por fortes impulsos eróticos. Corresponde a um verdadeiro diário íntimo onde a autora atravessa as lutas que trava dentro de si, tendência e pensamentos opostos. Parte desses sentimentos são revelados no poema "ambiciosa".

Para aqueles fantasmas que passaram
Vagabundos a quem jurei amar .
Nunca os meus braços lânguidos traçaram
O vôo dum gesto para os alcançar...

Se as minhas mãos em garras se cravaram,
Sobre um amor em sangue a palpitar...

-Quantas panteras bárbaras mataram
Só pelo gosto de matar!.

Minha alma é como a uma pedra funerária
Erguida na montanha solitária
Interrogando a vibração dos céus!

Amor dum homem? – Terra tão pisada,
Gota de chuva ao vento baloiçada...
Um homem? – Quando eu sonho o amor dum Deus...

Florbela Espanca segundo Massaud era uma mulher de posição social respeitável diante dos burgueses. Não se tratava de uma simples mulher, ela era culta. Ainda muito jovem, aos 25 anos publicou o seu primeiro livro de poemas.

Percebe-se que a escritora foi uma mulher que teve uma formação diferente e isto destacou-a na sociedade burguesa, levando-a a ser considerada a mulher mais importante por apresentar as melhores obras, e obras perfeitas aos olhos da sociedade.

Devido a sua formação social, talvez o poema Ambiciosa sugira que isto tenha dificultado os seus relacionamentos amorosos, pois a mulher daquela época (1919) era preparada para exercer o papel de mãe e estar sempre disponível ao marido. E por ser ela uma profissional, seu tempo era limitado, e talvez a sua independência e a maneira como agia e pensava, tenha ferido a ética social da formação da mulher da década de 20.

O poema "Ambiciosa" sugere a insatisfação do "eu poético" por ter sido infeliz nos seus relacionamentos, como cita Massaud no livro A Literatura Portuguesa. O uso das palavras "fantasmas" e "vagabundos", deixa transparecer suas mágoas e sentimentos de revolta por não ser correspondida afetivamente por aqueles a quem ela jurou amar.

Dá-nos a entender, que a autora era uma mulher de formação romântica, que vivia suas fantasias e acreditava num casamento

perfeito, um homem ideal e uma eterna felicidade. Percebe-se essas fantasias quando ela diz: "Um homem? Quando eu sonho o amor dum Deus!" definir como seria este homem no pensamento da escritora, mesmo usando todos os adjetivos seria quase impossível diante da expressão "Um Deus".

Percebe-se que não sendo correspondida nos seus relacionamentos amorosos, ela viveu esse amor, ela desejava essa paixão e ansiosa ela esperava ser amada pôr um amor a altura dos seus desejos, como afirma no poema "Esfinge" E ansiosa deseja... / Tu e eu em beijos e carinhos".

E no poema "Amar" diz: "Eu quero amar, amar perdidamente", sugere que era capaz de amar sem barreiras ou preconceitos e desejava alguém capaz de corresponder esse amor.

A obsessiva e poderosa capacidade de amar sem ser correspondida, faz com que o "eu poético" camufle esses sentimentos, colocando-se superior a tudo, e com arrogância diz :

"Nunca os meus braços lânguidos traçaram
O vôo dum gesto para os alcançar...
Se as minhas mãos em garra se cravaram
Sobre um amor em sangue a palpitar...
Quantas panteras bárbaras mataram
Só pelo raro gosto de matar !"

Dá-nos a entender a omissão desses sentimentos como se ela nunca tivesse ido a procura desse amor e se ela viveu, essa paixão foi porque eles a procuraram.

O primeiro verso do poema acima citado, aparece a palavra "Nunca" aqui o "eu poético" nega esses sentimentos isentando-se de

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

qualquer compromisso que a tenha levado a viver esses relacionamentos. E as palavras que aparecem no poema acima citado, segundo o dicionário Aurélio significa: traçar, planejar, gesto forma como comunicar com alguém; vôo arroubos do pensamento da fantasia, inspiração; alcançar entender, compreender. Sugere que ela nunca planejou o seu futuro e nem mesmo um gesto que demonstrasse esse amor, e se tudo isso aconteceu não foi fruto da sua imaginação, foi o próprio destino que o preparou. A palavra garra significa força, poder. Entende-se que ela se colocou superior a seus problemas, às críticas sociais, a infelicidade nos relacionamentos ao desequilíbrio emocional como depressão, Carência afetiva e outros. Podemos ver nos versos "se minhas mãos em garra se cravaram / sobre um amor em sangue a palpitar", as palavras cravar e sangue que segundo o dicionário Aurélio significa: segurar ter em suas mãos; vida, sugerem que ela demonstrava vida, força e segurança como se fosse uma pessoa inatingível e mesmo que as pessoas a tivessem como uma mulher deprimida, desiludida e doente como cita Massaud no Livro literatura Portuguesa, ela procurava provar o contrário, que era feliz e diante de tudo que acontecera as decisões tomadas foram as que lhe pareceram melhores para a sua vida.

Observa-se que essa falsa felicidade vivida pelo "eu poético" teve curta duração, os conflitos íntimos foram maiores que seu egoísmo de omitir seus sentimentos. E não sendo mais capaz de viver para a sociedade como a mulher feliz e inatingível, ela se retira do convívio social e passa a viver esses sentimentos ocultamente como diz o poema Ambiciosa "Minha alma é como a pedra funerária/ Erguida na montanha solitária".

O segundo verso "Erguida na montanha solitária", sugere a sua solidão exposta aos olhos de toda a sociedade burguesa, por mais que procurasse esconder seus sentimentos, a sua solidão demonstrava o seu fracasso.

As palavras pedra, funerária e solidão, sugerem um momento de desespero e angústia tão insuportável a ponto dela desejar a própria morte.

Essas palavras trazem uma confirmação tão forte de angustia, solidão e desespero como se para ela somente a morte pudesse aliviar a sua alma, chegando a extremos, a ponto de dizer:

"Morte, minha Senhora Dona Morte
Tão bom que deve ser o teu abraço
Não há mal que não sare ou não conforte
Em ti dentro de ti, no regaço
Não há triste destino nem má sorte
Dona Morte dos dedos de veludo
Fecha-me os olhos que já viram tudo!
Prende-me as asas que voaram tanto!
Má fada me encontrou e aqui fiquei
À tua espera... quebra-me o encanto"
(poema À Morte).

Este poema pode insinuar que a autora não suportando o sofrimento colocou-se à disposição da morte, que seria o lugar de descanso para a sua alma e lá não existiria "triste destino e nem má sorte", se o único refúgio fosse a morte o procurou com o suicídio . Isto aconteceu na ficção e na vida real como cita Massaud Moisés. "Aos 36 anos na noite 7 para 8 de dezembro de 1930, falece Florbela Espanca, na cidade de Matosinho, enquanto dorme profundamente graças a ingestão excessiva de barbitúricos. Suicídio ? Acidente ? Não se sabe o certo".

3.2- CLARICE LISPECTOR

Entre várias escritoras da Literatura, Clarice Lispector "é o principal nome de uma tendência intimista da moderna literatura brasileira". Sua obra apresenta como principal eixo o questionamento do ser, o "estar no mundo", o intimismo , a pesquisa do ser humano, resultando no chamado romance introspectivo.

> *"Não tem pessoas que cosem para fora ? Eu coso para dentro", assim explica a autora o seu ato de escrever. Nesse eterno questionar, a obra da romancista apresenta uma certa ambigüidade, um jogo de antíteses marcado pelo eu pelo não eu, o ser e o não ser".*
>
> *"Essa literatura introspectiva, intimista, vem, se colocar como uma tendência na prosa moderna do Brasil, afastando-se mais do social, do retrato da sociedade em crise, para a crise do próprio indivíduo, sua consciência e inconsciência". (Nicola, 1996: 311-312).*

Segundo o retrato bibliográfico de Massaud, Moisés e José Paulo Paes, no livro de Literatura Brasileira, Clarice Lispector nasceu em 10 de dezembro de 1925 em Tchetchelnik, Ucrânia, URSS. Tinha dois meses de idade quando chegou ao Brasil com os seus pais, imigrantes russos. Até aos doze anos, viveu em Recife , onde fez os estudos primário e iniciou o secundário, concluídos no Rio. Cursou a faculdade Nacional de Direito ao mesmo tempo em que trabalhava como redatora, primeiro da Agência Nacional, depois da Agência dA Noite, e escrevia seu primeiro romance, Perto do Coração Selvagem (1944). Bacharelou-se em 1944 e nesse mesmo ano se casou com um colega de Curso. 1945, acompanhou o

marido à Europa, diplomata de carreira, só regressando ao Brasil em 1949. De 1952 a 1960 viveu nos Estados Unidos.

No dia 9 de dezembro de 1977, aos 52 anos falece Clarice Lispector no Rio de Janeiro.

Segundo Renato Cordeiro, Clarice Lispector uma vez fez uma declaração: "Gêneros não me interessam mais. Estou atrás do que fica atrás do pensamento. Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo, não deixando, gênero não me pega mais".

A partir de então surgiram textos

> *"inéditos publicados em livros e na seção que ela mantinha no jornal do Brasil, ou trechos realocados em livros posteriores O que sinaliza a precariedade das classificações e revela uma literatura em processo, num jogo intercambiante, que trabalha o inacabado, portanto, sem fechamento, e realiza-se como rede, cuja leitura é travessia: errância"! (Cordeiros, 1997:3)*

Essa errância é vista na ação das personagens que apresentam no conto A partida do Trem. "Aquela errância do sujeito personagem é ao mesmo tempo interior e exterior, e equivale a uma busca ética o espiritual ao longo da trajetória" (Cordeiro 1997.2)

A narrativa é feita em terceira pessoa e os comentários reflexivos acompanham o desenvolvimento da ação percebida nas personagens Angela Pralini e Dona Maria Rita Alvarenga Chagas Souza Melo, do conto A Partida do Trem.

Dona Maria Rita era uma senhora de 77 anos, viúva e tinha um casal de filhos. A filha era "Public Relations", o filho era fazendeiro.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Angela Pralini, tinha 36 anos e desde os 9 anos era órfã. Ela estava deixando o seu companheiro para ir morar com o tio na fazenda. Seis horas da manhã marcava o relógio da estação Central de Trem quando Angela chegou, ela pagou o táxi e pegou a sua pequena valise. Dona Maria Rita desceu do Opala da filha e aguardava o trem.

Alguns minutos depois, chegou o trem, Dona Maria Rita e Angela Pralini embarcaram e sentaram-se juntas.

Esse conto de Clarice, sugere errância como a fuga, a velhice e a rejeição. A velhice e a rejeição são vistas na personagem Dona Maria Rita que está sempre se questionamento, procurando esconder seu sentimento de rejeição.

Enquanto Dona Maria Rita viajava, em seus interiores travava uma luta contra seus sentimentos de abandono e insegurança. Ela omite esses sentimentos para provar que era uma mulher feliz e capaz de viver sua própria vida. Mas era apenas um disfarce, no seu íntimo convivia com esses momentos conflituosos. Eram pensamentos descoordenados, pois num só momento relembrava vários momentos: lembrava-se do desprezo com que a filha a tratava, pensava na sua juventude, ao mesmo tempo enquanto viajava, pensava no trem, admirava a beleza de Angela Pralini a moça que estava ao seu lado. Lembrava do filho que a aguardava na fazenda, recordava-se que o Brasil tinha melhorado a sinalização de suas estradas e também com tristeza pensava na morte.

Veja que num espaço de pouco tempo a personagem viveu os tempos presente, passado e futuro (Flack – Balk). Esses conflitos sentimentais foram tão fortes que refletiram no comportamento deixando-a inquieta, como confirma a narrativa: "Daí a um segundo ergue-se e espia fora da janela como se fosse impossível manter-se sentada". Essa inquietação demonstrada pela personagem Dona Maria Rita retrata

comportamentos do próprio ser humano, como uma forma de tentar disfarçar os pensamentos que a atormenta.

Dá-nos a entender que a personagem de 77 anos sentia o desprezo com que as pessoas a tratavam, por causa da sua idade considerando-a inútil. Esses sentimentos de frustração são demonstrados quando ela pensava que "Depois de velha começava a desaparecer para os outros".

Não suportando a rejeição da filha e da sociedade, a personagem Dona Maria Rita sai a procura de um lugar onde as pessoas a tivessem como uma mulher útil e capaz de relacionar-se com todos, pois a mesma considerava-se diferente dos demais velhos, os quais ela via de forma preconceituosa como toda sociedade. Vejamos na narrativa "Não sou uma velha qualquer. Deus me deu saúde para viajar só. Também sou boa de cabeça, não falo sozinha e eu mesmo é que tomo banho todos os dias". Veja que essas qualidades descritas pela personagem demonstram que ela realmente é independente, talvez a família e a sociedade tirassem dela essa liberdade fazendo-a sentir-se dependente deles.

Um outro ato de liberdade que é demonstrada pela personagem D. Maria Rita é quando ela toma a decisão de ir embora, provando que é capaz de agir e decidir sobre sua própria vida.

Percebe-se que a personagem vivia o preconceito familiar e social, pois sentia-se rejeitada por ser velha. Como diz o conto "Dona Maria Rita era tão antiga que na casa da filha estavam habituados a ela como um móvel velho", parece-nos que até o narrador pratica esse preconceito. A expressão "Móvel velho", sugere que sua presença não significava nada, nem mesmo era considerada como um objeto valioso, e por ser um objeto velho talvez fosse mantida em lugar escondido aguardando apenas o dia de ser lançada fora, ou seja à morte.

O sentimento de rejeição que sofria a personagem Dona Maria Rita, dá-nos a entender que são preconceitos causados pela sociedade, pois consideravam-na como inválida e incapaz de exercer atividades, veja a narrativa: "Não fazia nada. Fazia só isso: ser velha", a expressão "ser velha", demonstra o desprezo, a humilhação, o abandono, a rejeição e o preconceito.

Esses sentimentos de rejeição às vezes causava insegurança em D. Maria Rita, que por alguns momentos pensou que não prestava para nada, nem mesmo para viver como afirma o conto: "As vezes ficava deprimida, achava que não servia a nada, não servia sequer a Deus". Dá-nos a entender que ela resistia a esses sentimentos de rejeição, pois no seu conflito interior ela procurava substituir essa rejeição com palavras próprias, demonstrando a sua capacidade de superar essa solidão.

"Um diálogo que ela fazia consigo mesma:
- Está fazendo alguma coisa?
- Estou sim: estou sendo triste.
- Não se incomoda de ficar sozinha?
- Não, eu penso".

Essa maneira de substituir o seu momento de solidão, dá-nos a entender que ela não se entregava a situação. Procurava de alguma forma suprir sua carência afetiva com palavras que a engrandecessem, pois para uma pessoa se auto avaliar, pensar e refletir a mesma necessita de momentos a sós.

Pode-se notar que a personagem Dona Maria Rita por nenhum momento falou para alguém dos seus sentimentos de rejeição, ela permaneceu calada, mas convivia com esses ressentimentos íntimos que a atormentavam levando-a a se comportar como criança. "Espiou o relógio,

mais para ver a grossa placa de ouro do que ver as horas. Sou muito rica". Percebe-se ainda, que a personagem procura substituir seu lado sentimental com a riqueza e com sobrenome que trazia consigo. Talvez esse sobrenome tenha tido grande influência na sociedade.

Durante toda a trama o único momento em que a personagem D. Maria Rita tem oportunidade para falar é quando se apresenta à personagem Angela, dando o nome completo e afirma que o sobrenome é do pai. "Meu nome é Maria Rita Alvarenga Chagas Souza Melo – Alvarenga Chagas era o sobrenome do meu pai, acrescentou em pedido de desculpa por ter que falar tantas palavras só em dizer o nome".

Sugere-nos que a personagem D. Maria Rita vinha de uma família de classe alta e de nome respeitado pela sociedade, pois no momento em que ela se apresenta a personagem Angela, em seguida ela pede desculpa mostrando um ato de educação e estilo de vida.

Podemos ver também a posição social da personagem através dos filhos. A filha era relações pública, pela profissão dá-nos a entender que era uma mulher bem conhecida pela sociedade. O filho era fazendeiro, sugere-nos que tinha uma boa situação financeira. Talvez tenha sido esta a razão pela qual a personagem D. Maria Rita apresentou-se citando o nome completo, para que as pessoas soubessem que ela pertencia a uma classe social elevada.

Dona Maria Rita pensou: "Não sei porque, mas ninguém conversa mais comigo. E mesmo quando estou junto das pessoas, elas parecem não se lembrar de mim. Afinal não tinha culpa de ser velha. Mas não faz mal, eu me faço companhia".

Este trecho da narrativa mostra o descaso da sociedade para com as pessoas idosas. Elas são rejeitadas, desprezadas e até mesmo humilhadas como se fossem um animal irracional que não tem sentimentos. Essa falta de amor ao próximo talvez tenha levado muitos ao abandono,

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

pois nem todos pensam como a personagem Dona Maria Rita, que se coloca como defensora de si própria demonstrando ser capaz de superar esses preconceitos.

Percebe-se uma força interior na personagem D. Maria Rita de ir em busca dessa liberdade, quando ela decididamente abandona a filha e vai para casa do filho tentando uma vida diferente, onde pudesse ser útil a alguém.

Veja que D. Maria Rita na casa da filha não tinha o direito de expressar seus pensamentos e nem seus desejos, até mesmo seu direito de mãe lhe foi tirada conforme evidenciamos na narrativa. "E a velha Maria Rita suspirava: estava mais perto do filho amado. Com ele poderia ser mãe, ela que era castrada pela filha".

Veja ainda a expressão "suspirava" dá-nos a entender a ansiedade que no momento estava vivendo a personagem D. Maria Rita, pois estava chegando o momento de viver uma outra vida, mesmo que não fosse a esperada, e que sofresse os mesmos conflitos, mas ela com toda garra e acreditando na sua capacidade de ser útil, amada, respeitada e considerada, sai em busca de seus ideais.

Essa busca de liberdade também é vista na personagem Angela Pralini, quando decide abandonar o homem a quem ama para ir em busca de uma outra vida que a faça sentir-se livre e com o direito de expressar suas idéias e pensamentos.

A personagem Angela passa a viver momentos de decisões que pareciam importantes para sua vida. Consciente da decisão, Angela vive seu momento de reflexão, e em silêncio planeja a sua fuga, pois talvez ela soubesse que somente com a distância seria capaz de libertar-se dos conceitos amorosos e sociais, que eram impostos pelo companheiro e pela sociedade, conceitos estes que tiravam-lhe o direito de viver.

Pressupõe que a personagem Angela vivia em função do companheiro e da sociedade. Seu direito de viver era castrado através de regras e conceitos, tendo que viver de acordo com o que os outros quisessem. Segundo a narrativa "Eduardo a transformara: fizera-a ter os olhos para dentro" Ao que a personagem responde: "Eu estava cansada de tentar ser o que você achava que eu sou. Tenho um lado mau o mais forte e o que predomina embora eu tenha tentado esconder por causa de você".

Constata-se pela fala que mesmo Angela vivendo uma paixão incontrolável, ela consegue ver além dos seus sentimentos, descobrindo o quanto este amor a tornava escrava, tirando-lhe o direito de viver.

Percebe-se a decepção de Angela com o relacionamento amoroso, demonstrando por um lado a sua carência afetiva, por não ser correspondida e por outro o mal que este amor lhe cansava. "Oh meu amor! Como te amo e como amo os teus terríveis malefícios, ah como te adoro, escrava tua que sou". Tal desabafo dá-nos à perceber a intensidade do amor que Angela vivia e como estava presa e este sentimento amoroso entregando-se a esse amor que só lhe fazia mal.

A palavra Malefício presente na narrativa, segundo o dicionário Aurélio significa (ação que faz mal). Sugerindo desse modo que Eduardo agia de maneira desprezível ao rejeitar o amor de Angela.

Segundo a personagem Angela Pralini, Eduardo era um homem cheio de conceitos e regras; machista; egoísta, e que sentia-se superior a tudo, esnobava-se na sua inteligência no seu intelectualismo. A sua aparência de superioridade, de saber tudo, levou Angela a descobrir o homem pobre de espírito que existia em Eduardo, pois era incapaz de corresponder a um amor, no pensar de Angela "Ele era um ingênuo. E amava sem saber que estava amando. Você no seu fundo de intelectualismo não vale a vida de um cão".

Angela revoltada desabafa seus sentimentos consigo mesma com palavras agressivas demonstrando a decepção de viver mais um relacionamento e novamente ser infeliz. Talvez Angela procurasse alguém capaz de amá-la, sem preconceitos e regras, pois parece-nos ser uma mulher mal amada e carente de afetos "Enquanto ele foi para um pomar onde haviam árvores carregadas de protuberâncias negras, lisas e lustrosas, que lhe caiam nas mãos todas entregues e que das mãos lhe caiam aos pés. Era tal a abundância de jabuticabas que ele se dava ao luxo de pisá-las. E elas faziam um barulho muito gostoso". Percebe-se nesta passagem a sensualidade de Angela e a ansiedade de entregar-se de corpo e alma a uma paixão onde pudesse sentir o gosto do prazer de viver o amor que ela tanto desejava.

A angustia que Angela estava vivendo era tão grande que ela aproveitava o momento em que o trem apitava e dentro de si em silêncio gritava, talvez sendo esta uma maneira de desabafar os pensamentos angustiados que passavam pela sua cabeça, "Ela aproveitava o apito gritado do trem para que ele fosse o seus próprio grito. Era um berro agudo, o seu, só que virado para dentro".

Segundo o narrador a personagem Angela estava na terceiro relacionamento amoroso sentia-se culpada em amar e não ser correspondida. O que restou desse relacionamento foram mágoas e sofrimentos por ter destruído uma parte de sua vida tentando viver um relacionamento simplesmente para satisfazer o companheiro e a sociedade.

Percebe-se o poder que a sociedade exerce na vida das pessoas, manipulando-as a viver de acordo com as regras impostas, tirando-lhes o direito de pensar, agir e viver, veja: "Eu te abandono, Eduardo. E abandono o grupo falsamente intelectual que exigia de mim em vão e nervoso exercício contínuo de inteligência falsa e apressada". A expressão

"exigir", dá-nos a entender que Angela vivia as regras e conceitos que o companheiro e o grupo de falsos intelectuais determinavam que vivesse.

Esse grupo de falsos intelectuais que aparentemente demonstravam serem inteligentes, como no caso de Eduardo, não viviam, apenas existiam. E transformavam Angela numa mulher sem objetivos de vida, veja: "O ar entre ela e Eduardo Gomes era de emergências. Ele a transformava numa mulher urgente". A palavra "emergência" e "urgente", dá-nos a entender que Angela deveria estar sempre pronta e disponível a atender as exigências de seu companheiro.

Chega o momento em que Angela cansa de viver toda essa situação e, procura um refúgio para a sua vida que segundo ela estava sendo destruída, "Eu estou fugindo do meu suicídio, Eduardo". Aqui Eduardo significava pânico e morte.

Houve momentos em que Angela foi tomada pela insegurança e pelo medo de renunciar ao amor que sentia por Eduardo, ela sabia que iria sofrer, mas não encontrava outra solução a não ser abandoná-lo.

Angela pensa em abandonar Eduardo com o propósito de esquecer este amor e viver uma outra vida, onde pudesse sentir a liberdade. Essa atitude demonstrada pela personagem Angela dá-nos a entender que ela era consciente da repressão conjugal e social que sofria.

Essa concepção que Angela tinha com relação ao convívio conjugal e social demonstra que ela era uma mulher aparentemente culta e inteligente, mas que apesar disto aceitava as regras impostas pela sociedade e até mesmo pelo próprio companheiro. Talvez por amor, ou então para preservá-lo da sua inteligência, fato que poderia humilhá-lo. "Sei que sou inteligente e que às vezes escondo isso para não ofender os outros com a minha inteligência".

Conscientemente Angela decide ir embora deixando o companheiro e a sociedade. Foram momentos de difícil decisão, mas para Angela não havia escolha; ou saia da vida de Eduardo, ou acabaria com a sua própria vida, "Fugi de você Eduardo porque você estava me matando..." A palavra morte dá-nos a entender, separação, dor, angustia mas, também mudança de vida e renascimento. No momento, Angela sabia que estaria saindo de uma vida para outra na esperança de viver melhor.

E com toda a força de espírito Angela luta contra seus sentimentos amorosos. Decididamente vai embora e despede-se de Eduardo através de um bilhete com as seguintes palavras: "Não me procure. Vou desaparecer de você para sempre. Te amo como nunca. Adeus". E assim aconteceu. Seus horas da manhã marcava o relógio da estação de trem quando Angela chegou. Minutos depois ela embarca, o trem parte, e Angela em silêncio vive o sonho de uma vida melhor.

Observe que o conto A Partida do Trem retrata a vida de duas personagens Dona Maria Rita e Angela Pralini que vivem a repressão familiar e social dos anos 70. O narrador descreve os conflitos intimistas femininos das personagens que procuram afastar a sensação de enorme carência tentando uma fuga, pois ambas tem em comum o vazio, a perda e a rejeição.

O encontro das duas reafirmam uma possibilidade de plenitude, tentando viver sem a ajuda de um outro: o homem para Angela e os filhos para D. Maria Rita, pois acreditavam na sua própria independência. Pela palavra plenitude entendemos o mistério que cada uma tinha e não podia ser revelado, eram conflitos íntimos e pessoais. Talvez a plenitude para Angela seja a liberdade, que é demonstrada quando ela nega a passividade em relação ao seu companheiro e decididamente assume abandoná-lo. Já para D. Maria Rita talvez seja a morte , pois o descaso que ela sofre pela filha e a sociedade faz com que ela sinta uma mulher inútil,

que não serve para mais nada e deseja a morte. "Ela era feita de Deus. Morrer era surpreendente".

O desenrolar da narrativa dá-nos a entender que as personagens sofriam rejeições que pareciam ser reflexo familiar e social, vejo que Dona Maria Rita sente-se rejeitada pela filha por não lhe dar atenção e pela sociedade por tratá-la como velha e não como pessoa. E Angela sofre porque ama o seu companheiro e não é correspondida afetivamente e sofre pela sociedade por ter que viver de aparência fingindo ser feliz, conforme constatamos neste fragmento: "Eu não caio nessa de que o certo é ser infeliz".

Percebemos que as personagens vivem momentos conflituosos que se refletem no comportamento, Dona Maria Rita fica inquieta, a todo instante levanta-se e olha para fora da janela, Angela aproveita o apito do trem para abafar seus gritos de angustias. Subentende-se que essas atitudes são reflexos de pensamentos conflituosos que viviam as personagens, pois durante a viagem ambas permanecem caladas e cada uma vive seu drama apenas em pensamentos.

Estas são algumas semelhanças que existem entre as personagens do conto A Partida do Trem.

3.3- MARINA COLASANTI

Segundo Eliana Yunes quando Marina Colasanti começou a escrever seus contos, já era uma artista conhecida. Havia trabalhado com desenhos e palavras, que também são traços – apenas sugerem mais do que mostram. A narrativa era original, surpreendente, emocionante, mas confundiram-se quase todos com a extensão dos contos e o perfil das personagens. Pareciam coisa de criança – às vezes, e outras, saídas de sonhos estranhos, o que vem a ser quase o mesmo. As personagens

maravilhosas transitavam do fantástico mundo adormecido no homem, para a leitura de sobressaltos e hesitação.

Assim havia sido com os contos que começaram a ser coletados em épocas medievais, dando curso ao imaginário.

> *"Lá estes contos eram tão populares, que mesmo flutuando na oralidade, estranharam-se na literatura ocidental. Acreditava-se entre preconceitos, que eram frutos da imaginação desvairada da plebe, enredada com os desejos de escapar da opressão. Sabemos hoje que na raiz inconsciente, somos todos assaltados por angústias milenares.*
> *Marina viu isto com absoluta consciência e transformou a varinha de condão em pena. Começou a coletar algumas expressões, outras imagens, entristecidas lentamente, de maneira a que dando volta e voltas, correspondessem enfim a experiência vivida e nomeadas de muitos homens, em diferentes tempos e espaços", (Yunes, 1993)*

Segundo o relato bibliográfico de Ruben Braga, Marina Colasanti nasceu em Asmara, Etiópia, morou até os 11 anos na Itália e há muito vive no Brasil. É autora de Contos, crônicas, ensaios, poemas e livros infantis. Sua bibliografia reúne sucessos como; E por falar em Amor, Conto de amor rasgado, aqui entre nós, Intimidade pública e Rota de Colisão, lançado pela Rocco.

"Marina Colasanti distribuiu seu talento por diversas atividades. Na literatura, jornalismo e na artes plásticas, acredita estar tecendo, com a sua sensibilidade feminina e por meio de vários gêneros, o mesmo discurso". (Braga, 1996)

O conto O Amor Eterno Passeia de Ônibus de Marina Colasanti, descreve a vida de um casal de velhinhos que todos os dias ao final da tarde passeava na praia de mãos dadas. As vezes levavam um cão e outras vezes iam sozinhos.

Diz o narrador que todos admiravam ver o carinho e o respeito que o casal parecia ter um com o outro, e tornaram-se símbolo das atenções de todos, cada um tirava sua própria conclusão em uma aparência que estava exposta aos olhos de todos.

A imagem que o casal passava para as pessoas levavam-nas a crerem na intensidade do amor, pois diz o narrador que as pessoas que presenciavam o comportamento do casal de velhos passaram a crer que o amor poderia ser eterno.

Esse amor eterno que muitas concluíam em ver o comportamento do casal, talvez estivesse relacionado com a idade dos velhos. Pois o que dá-nos a entender pela expressão "casal de velhinhos" é que eles eram dos anos 20 a 30, mas que viviam a geração de noventa.

A desestruturação dos lares que vivem essa nova geração, onde o casamento tem sido apenas um passa tempo na vida da grande maioria, talvez tenha levado as pessoas a serem descrente no amor e não acredita nem mesmo numa possível convivência amigável. Quando presenciavam o casal de velhinhos que todos os dias iam passear na praia de mãos dadas, o carinho e o respeito que pareciam ter um com o outro induzira as pessoas a viverem um amor real que para muitos não passava de sonhos como confirma a narrativa "mas é certo que se sentiram confortada, e de si para si cada um murmurou por um instante: O amor eterno existe. Eu vi um".

Isto acontecia, dado o fato de que o casal disfarçava muito bem, levando as pessoas a crerem que eles se amavam, mas tudo não passava de aparência, eles fingiam ser o que não eram, talvez sendo

obrigados a manter o casamento por imposição social e familiar. "Há muito tempo não se amavam, viviam uma vida de fachada por causa dos filhos e netos".

Essa preocupação demonstrada pelo casal de velhinhos em preservar a estrutura familiar, sugere uma família religiosa e que tinha como base para sustentação do lar: amor, fidelidade, sinceridade e respeito; e o casal tornava-se o espelho para os filhos e netos.

Sendo o casal exemplo para a família , sentia-se presos a esses conceitos, e submetia-se a viver apenas de aparência para não violar as normas familiares e sociais.

Existe também a preocupação com a sociedade que respeita as pessoas através do conceito familiar, e sendo assim o casal demonstrava diante das pessoas "gestos delicados que todos pensavam que eles realmente se amavam".

Ele tinha gestos delicados e demonstrava o seu cavalherismo a uma dama. Este ato foi visto por muita gente quando eles viajavam em um ônibus, como diz no conto :

> *"Alguns quarteirões adiante ele puxou a cordinha, e repetiu-se a cerimônia. O motorista esperou solícito. Ele cedeu a vez à mulher, ajudou-a com a bolsa, foi conduzindo-a pelo braço até a porta, e desceu à sua frente para ajudá-la a saltar. Os que estavam sentados do lado direito do ônibus ainda ficaram a vê-los na calçada, enquanto caminhavam hesitantes, de braços dados rumo à esquina".*

Diante de tanta delicadeza era quase impossível acreditar no que diz o narrado "Na verdade, ele a odiava e ela o desprezava".

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Veja que no lugar de amor estava implantado: ódio, desprezo amargura e falsidade. Eram conflitos internos que cada um tentava disfarçar a melhor maneira para que não tornasse visíveis tais sentimentos aos olhos da família e da sociedade.

Percebe-se que a tão cobiçada delicadeza do casal não passava de reflexos que herdaram da época onde os costumes eram diferentes de hoje, na qual a mulher era dedicada ao marido, e devia a ele todo respeito e carinho, tendo-o como senhor de suas decisões e da sua vida. Ele a tratava com todo respeito e carinho não por amor mas apenas para compensá-la pela obediência que lhe prestava. "Os gestos delicados podem ser apenas reflexo de formação, como demonstra qualquer mordomo".

A palavra "mordomo" dá-nos a entender que ele a tratava com respeito e não com amor como confirma a narrativa "O amor encontra outros meios de se manifestar".

Veja o poder da sociedade na vida das pessoas, levando-as a viverem duas faces: ódio e desprezo, mentira e verdade. Imagine o drama que vivia o casal, em ter que todos os dias demonstrar às pessoas um relacionamento perfeito. "Na manhã antes insípida os velhinhos encarnavam o mito do amor eterno".

Dá-nos a entender que o casal de velhinhos vivia reflexos de pensamento conflituosos, pois em nenhum momento durante a narrativa aparece a fala dos personagens, apenas gestos e ações que davam às pessoas a idéia de que pareciam ser um casal feliz. Mesmo que o casal demonstrasse perfeita harmonia para a sociedade, alguns desses gestos pairavam: incerteza, dúvidas, falsidade, ódio, amargura e desprezo como confirma a narrativa.

E ainda, percebe-se a covardia dos personagens como a própria vida, mantendo um falso relacionamento, vivendo momentos

conflituosos e destruindo suas vidas para dar prioridade aos conceitos familiares e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo já citado antes os momentos históricos que Portugal vivenciou durante as décadas de 20 a 30, iremos apenas relembrar alguns desses momentos em breves comentários, para que o leitor perceba, que todos os movimentos literários anteriormente vividos, estavam associados a instabilidade político-social do país.

Um dos momentos que marcou a história de Portugal foi em 1926, quando um golpe de estado derrubou a república parlamentar, que resultou no agravamento da situação econômica e a desarticulação das forças político-partidárias.

Com a instabilidade político-social do país, iniciou-se o primeiro modernismo português. As correntes literárias Modernistas organizaram-se em torno de várias publicações de revistas, dentre elas a revista Presença que foi publicada no período da ditadura militar - 1927.

Esse movimento tinha como objetivo "escandalizar o burguês: colocava-se contra o provincialismo e a literatura estereotipada da tradição neo-simbolista e neo-romântica" (Benjamim, 1985:135)

Nas décadas de 20 a 30 tivemos um movimento de renovação na literatura (Modernismo). E através desse movimento literário escritores e escritoras sentiram-se livres nas suas produções literárias e esta liberdade de pensamento na escrita fez com que crescesse o número de poetas e prosadores de Portugal.

Através da literatura, esses escritores usaram novas formas para expressar seus anseios e desejos, como confirma Massaud. "Eram idéias estetizantes e confessadamente esotéricas, põem-se a criar uma

poesia alucinada, chocante, irritante, irreverente com o fito de provocar o burguês, símbolo acabado da estagnação em que se encontrava a cultura portuguesa".

Percebemos que através de poesias, os escritores denunciavam a classe social burguesa que dominava a vida política, intelectual e econômica do país. Eram pessoas poderosas e ricas, que subordinavam os menos favorecidos.

Portugal ainda viveu um outro momento literário importante na sua história que foi o surgimento da literatura de autoria feminina, porém essas obras só tiveram reconhecimento dentro da literatura depois de 1935.

Uma escritora que teve suas obras publicadas antes do movimento modernista em Portugal, foi Florbela Espanca, no ano 1919.

A literatura de Florbela Espanca segundo Massaud, "tratava-se de uma poesia confissão, através da qual ganha relevo eloqüente, cálido e sincero, toda a desesperante experiência sentimental duma mulher superior por seus dotes naturais, fadada de uma espécie de donjuanismo feminino". (Massaud. 1994:253)

Foi através das obras da escritora Florbela Espanca que a literatura de autoria feminina teve algum prestígio, porque suas obras foram consideradas "perfeitas" aos olhos da sociedade.

Para melhor retratarmos sua obra foi analisado o poema Ambiciosa, na qual percebemos que a escritora trabalha o sentimentalismo romântico e o escapismo com um suposto suicídio. Suas poesias falam de amor e de morte, de um amor sempre idealizado, irreal, um homem "perfeito" que só existe na imaginação, no mundo das idéias.

Esse tipo de literatura apresenta característica do romantismo, nas quais segundo Nicola: os românticos trabalhavam "a valorização dos sentimentos e das emoções pessoais: é o mundo interior que

conta, o subjetivismo. E à medida que se volta para o eu, para o individualismo, o pessoalismo, perde-se a consciência do todo, do coletivo, do social". (Nicola, 1996:75)

Podemos ver na análise feita do poema Ambiciosa de Florbela Espanca, a insatisfação do "eu-lírico" em não encontrar o amor eterno. A derrota inevitável do eu, que leva a fuga da realidade, "minha alma é como a pedra funerária/erguida na montanha solitária". E segundo Massaud estando Florbela deprimida, desiludida e doente retira-se do convívio social.

Veja que o "eu-lírico" está relacionado com a vida pessoal da escritora. No poema podemos ver ainda a insatisfação nos relacionamentos amorosos. "Para aqueles fantasmas que passaram/vagabundos a quem jurei amar". A bibliografia confirma que Florbela casou-se três vezes e não foi feliz. Isto também demonstra a preservação do conceito familiar da sociedade dos anos 20.

Percebemos que a vida e os poemas da escritora, estavam relacionados com a época em que vivia. Tratava-se de uma sociedade onde os padrões familiares, religiosos e sociais eram preservados.

Nos anos 20 as pessoas cumpriam regras e normas que segundo Pérsio Santos de Oliveira, eram estipuladas pela sociedade que dizia o que era bom, ruim, bonito ou feio, certo ou errado. O trabalho doméstico e o cuidado dos filhos eram considerados tarefas exclusivamente femininas. O comportamento sexual era outra área em que a sociedade exercia um controle bastante rígido, principalmente em relação às mulheres. Em geral o sexo era aceito exclusivamente dentro do casamento, e valorizado apenas quando tinha por finalidade gerar filhos.

Florbela Espanca foi a pioneira da literatura de autoria feminina nas literaturas da língua Portuguesa, e somente depois de 1935 deu-se o crescimento dessa literatura.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Já na década de 70, percebemos que houve: um crescimento muito grande de escritoras que tiveram seu espaço conquistado na literatura.

Com toda essa evolução literária feminina, o Brasil também viveu seu momento importante na literatura, como podemos citar a escritora Clarice Lispector por ser o primeiro nome de uma tendência intimista da moderna literatura brasileira dos anos 70.

Essa literatura intimista segundo Nicola vem se colocar como uma tendência na prosa moderna do Brasil, afastando-se mais do social, do retrato da sociedade em crise, para a crise do próprio indivíduo, sua consciência e inconsciência.

A idéia acima foi comprovada com a análise feita do conto A Partida do Trem da escritora Clarice Lispector, na qual percebemos "o questionamento do ser" nas personagens Dona Maria Rita e Angela Pralini.

Através dessas personagens a escritora tenta mostrar o momento de crise da mulher e sua ruptura com o mundo que vive, violando os conceitos sociais e acreditando na própria independência.

Nas personagens Dona Maria Rita e Angela Pralini, percebemos que as atitudes tomadas por essas mulheres, demonstram a valorização do eu e o amor a si mesmas. Pois ambas abandonam pessoas que amam, rompendo os conceitos sociais e demonstrando que nada era mais importante que a própria vida.

Conforme a análise feita sobre a vida da personagem Angela Pralini, descobrimos o perfil da mulher dos anos 70. Educada, dedicada, inteligente, sincera, bondosa, companheira e amável. Todos esses predicados demonstram o amor sincero que vivia a mulher dessa década.

Veja como retrata o conto, Eduardo era o homem a quem Angela amava e viveu intensamente este amor, conforme fragmentos da obra, "Meu amor, oh! meu amor! Como te amo e como amo os teus terríveis

malefícios, oh! como te adoro, escrava tua que sou". Com a mesma intensidade que ama, também sofre.

Percebemos através da personagem Angela a força interior da mulher dos anos 70, enfrentando momentos de difíceis decisões entre o amor e a vida. Renunciar viver esse amor não quer dizer que deixou de amá-lo.

Podemos perceber que houve uma evolução muito grande por parte das mulheres entre as décadas de 20 a 70. A mulher dos anos 70 sente-se capaz de tomar suas próprias decisões e lutar por aquilo que deseja, demonstrando segurança e confiança em si mesma. O que não ocorreu na década de 20, pois os padrões sociais que regiam a sociedade, faziam com que a mulher se sentisse presa as regras sociais.

Até a década de 70, surgiram várias literaturas femininas que segundo Antônio de Assis, tinham como objetos denunciar as imposições resistentes de uma sociedade machista, que tanto no presente como no passado, viam as mulheres reduzidas à sua função biológica, ou seja a serem as portadoras de uma visão masculinista da história:

> *"Mulheres companheiras/ombro a ombro/o ventre a crescer-nos de coragem/mulheres companheiras/hoje-aqui.../em trabalho de parto de um país. O grande desafio tanto ideológico como formal que as escritoras enfrentavam neste período era o de evitar a sedução de tornarem-se porta-vozes de uma ficção histórica, que continuamente silencia as mulheres, junto com as tradicionais 'minorias silenciosas' precisamente na junção conflitiva onde a revolução e sexualidade se encontram como e para a específica finalidade da reprodução". (Assis, 1996:93)*

Essa literatura teve uma evolução muito grande no meio social e aos poucos mudou a estrutura familiar e religiosa. Percebemos na personagem Angela a violação desses conceitos, pois ela viveu três relacionamentos informais, teve companheiros e não maridos; relacionamentos abertos livres onde o casal decidia ficar juntos, o que poderia ser duradouro ou temporário.

Veja que na sociedade dos anos 20, Florbela foi uma mulher de destaque na burguesia e teve uma formação diferente das demais mulheres; era culta e lutava por direitos iguais. Mesmo sendo mulher livre, independente, atualizada e que tinha uma visão bem mais além da década de 20, preservou os padrões sociais, não viveu relacionamentos informais, foi uma mulher casada e teve marido. Isto demonstra o conceito familiar da época em que viveu Florbela.

Clarice Lispector por sua vez uma escritora dos anos 70, descreveu a personagem Angela, com características que identificavam a mulher de sua época; mulher determinada, independente, livre, capaz de superar seus problemas, contudo uma mulher que buscava viver o amor eterno. Em sua obra ela trabalha o mundo real, a consciência do certo e do errado; do possível e do impossível; a busca da liberdade; a escolha entre o amor e a vida e a valorização do eu.

Florbela também descreve a década de 20, através dos seus poemas, nos quais, o "eu lírico" desejava encontrar o amor eterno. Aqui retrata a valorização dos sentimentos e das emoções pessoais, pois a escritora tinha característica do romantismo, onde os poetas românticos segundo Nicola, se colocavam como centro do universo, causando um choque entre a realidade e o seu mundo. A derrota inevitável do eu levava a um estado de frustração e tédio. (Nicola, 1996:75)

Foi justamente o que aconteceu com o "eu-lírico" que foi retratado no poema Ambiciosa, que por não conseguir viver o amor eterno

se ausentou do convívio social tentando uma fuga da realidade. "Minha alma é como a pedra funerária/Erguida na montanha solitária/Interrogando a vibração dos céus".

Percebemos aí a diferença do mundo imaginário de Florbela Espanca para o mundo real de Clarice Lispector. O amor de Angela por Eduardo era sem fantasia, ela amava um homem mortal com suas qualidades e defeitos. "Como amo os teus terríveis malefícios". O mundo imaginário vivido pelo "eu-lírico" de Florbela acreditava na existência de um homem perfeito um semi-deus "Um homem? Quando eu sonho o amor dum Deus!..."

O conflito intimo do "eu-lírico" de Florbela era encontrar o amor eterno, e por não conseguir encontrar este amor, destruiu sua vida com um suposto suicídio. O conflito da personagem Angela Pralini no conto A Partida do Trem de Clarice Lispector, em deixar o amor eterno para salvar a sua vida.

Já a escritora Marina Colasanti da década de 90, retrata em suas obras a inexistência desse amor eterno.

Para melhor descrevermos essa década foi analisado o seu conto O Amor Eterno Passeia de Ônibus, no qual percebemos que suas obras se ocupam muito das questões ligadas a mulher, como ela mesma afirmou em uma entrevista que consta no seu livro de contos Entre a Espada e a Rosa:

> *"Me ocupo dessas questões ligadas a mulher porque sou feminista, e porque nunca ninguém conseguiu me convencer de que eu não tenha o mesmo potencial, a mesma força, a mesma grandeza que os homens. E porque sempre achei que devia ter os mesmos direitos" (Colasanti, 1993:70)*

No conto O Amor Eterno Passeia de Ônibus a escritora descreve os anos 90, através de um casal de velhinhos que vivia um casamento de aparências. "Há muito não se amavam vivia uma vida de fachada por causa dos filhos e netos".

Este casal de velhinhos preservava os padrões sociais da sua época, que foi a década de 20, vivido por Florbela Espanca. A mulher desde cedo era dedicada às prendas domésticas e sua perspectiva de vida girava em torno de um mundo fechado cheios de normas e conceitos. Mulher que tentava encontrar o amor eterno no casamento.

Veja como afirma a socióloga Eva Maria Lakatos no livro Sociologia Geral, onde nos anos 20, a sociedade ditava as regras que indicavam os modos de agir dos indivíduos em determinadas situações; constituíam, pois, em um conjunto de idéias, de convenções referentes àquilo que é próprio de pensar, sentir, e agir em determinada situação.

Depois dessa década vieram os anos 70, vividos pela escritora Clarice Lispector, onde aconteceu um movimento importante na história feminina, O Ano Internacional da Mulher, que segundo Luiz Antônio de Assis, aconteceu em 1976, quando a Nova Constituição declarava a igualdade entre os sexos e o código civil era emendado para reconhecer a igualdade de direitos, entre marido e mulher, em todos os aspectos da vida familiar.

Após terem lutado pela igualdade com os homens, as mulheres demonstraram a sua capacidade de pensar, agir e lutar por aquilo que desejavam conforme a personagem Angela Pralini do conto A Partida do Trem, da escritora Clarice Lispector. Ela retrata a mulher independente, livre, determinada que rompe com os padrões familiares, religiosos e sociais, e também renuncia o amor do homem a quem ama, para viver a sua própria vida; conforme a mulher de sua época.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Vejamos o que diz a socióloga Maria Luiza Dias na sua obra "Vivendo em Família", numa perspectiva histórica-social da década de 70;

> *- É possível observar uma diminuição de casamentos religiosos e um aumento de uniões apenas civis. Também ocorreu um aumento significativo no número de uniões livres.*
> *- Cresceu o número de mulheres chefes de família, sobretudo solteiras, gerando novas unidades, em geral menores, tanto pelo cônjuge, quanto pela menor fecundidade própria das mulheres solteiras e em uniões livres.*
> *-Ocorreu um aumento da participação feminina na força de trabalho na década de 70, sobretudo entre mulheres casadas e com filhos pequenos.*

Este é o perfil social descrito por Clarice Lispector no Conto A Partida do Trem pela personagem Angela Pralini.

Já na década de 90, Marina Colasanti descreve a mulher que não vive o sonho do amor eterno. Hoje a prioridade é viver bem, ser uma boa profissional, progredir e ter sucesso.

Veja o que diz a revista Mulher de Hoje, as mulheres dos anos 90, conquistaram uma boa parte do mercado de trabalho, demonstrando que são capazes de desenvolver atividades tanto quanto o homem; conseguiram status, são livres e independentes, enfim se transformaram no símbolo da mulher de final de século.

A mulher dessa década vive o mundo das máquinas, que chega a superar a força e a inteligência humana, perdendo a essência do natural, do humano; e toda essa tecnologia leva as pessoas a descrerem no sentimento humano. As mulheres possuem outras perspectivas de vida, o sentimento amoroso vem depois.

Os anos noventa, retratam a indiferença, a frieza, a desconfiança, o medo da fragilidade do amor. É difícil para a mulher da década da objetividade, viver a subjetividade do amor. Podemos perceber aqui mais um conflito da mulher.

A mulher dos anos 20, Florbela Espanca, vive o conflito da busca do amor eterno, o que está presente nas suas poesias. "Um homem!...Quando eu sonho o amor dum Deus!".

Clarice Lispector na década de 70, vive o amor eterno, mas sente-se sufocada com esse relacionamento e por isso o abandona "Fugi de você, Eduardo, porque você estava me matando com essa sua cabeça de gênio que me obrigava a quase tapar os ouvidos com as duas mãos e quase gritar de horror e cansaço".

Já Marina Colasanti, a mulher do final do século descrê da existência desse amor eterno, ou finge não acreditar, o que é um meio de defesa. "Na manhã insípida, os velhinhos encarnavam o mito do amor eterno. E o mito passeava de ônibus, para que todos o vissem, e levasse adiante a boa nova. A verdade é Ele a odiava e ela o desprezava".

Percebemos nesta análise a evolução da literatura de autoria feminina; cada escritora retratando seu tempo; sua sociedade, com as normas ali impregnadas. Normas que tolhiam e tolhem até hoje a liberação do sentimento. A sociedade vigente não mudou os conceitos de sociedades anteriores, percebemos apenas pequenas violações de conceitos, o que nos leva a crer que o homem jamais romperá os falsos conceitos que ele próprio criou, a partir de uma organização social.

Comparando época, autora e obra percebemos que as escritoras: Florbela Espanca (década de 20), Clarice Lispector (década de 70) e Marina Colasanti (década de 90), viveram momentos distintos: época, escrita, pressão social, ideologia, família, preconceitos, normas, religião e sociedade; mas suas obras retratam o conflito da mulher na busca de viver a

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

liberdade, rompendo com os padrões sociais que foram registrados nas obras literárias desde a década de 20 e continua presente na vida da mulher dos anos 90. Fato que se confirma no estudo comparado das obras literárias de autoria feminina.

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Luiz Antônio de, e RITZEL, Maria Luiza – Literatura Portuguesa Letras de Hoje. Porto Alegre 1996.

COLASANTI, Marina, Eu Sei Mas Não Devia Editora Rocco Ltda. Rio de Janeiro 1996.

COLASANTI, Marina. Entre a Espada e a Rosa – 5ª edição editora Salamandra – Rio de Janeiro 1992.

DIAS, Maria Luiza. Vivendo em Família 1ª. Edição São Paulo, Moderna, 1992.

JUNIOR, Benjamim Abdala e PASCHOALIN, Maria Aparecida – História social da Literatura Portuguesa 2ª. Edição – editora Ática – 1985 São Paulo.

LAKATOS, Eva Maria. Sociologia Geral 5ª. Edição- Editora Atlas S.A 1989.

LISPECTOR- Clarice. Onde Estive de Noite 8ª. Edição Rio de Janeiro 1997.

MOISÉS, Massaud. A Literatura Portuguesa Através dos Textos ed. Cultrix 22ª. Edição- São Paulo.

MOISÉS, Massaud. Literatura Portuguesa 27ª. Edição- Editora Cultrix Ltda. 1994. São Paulo.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

NICOLA, José de. Literatura Brasileira das Origens aos nossos dias- editora Scipione-1996 São Paulo.

OLIVEIRA, Pérsio Santos. Introdução a Sociologia. Editora Ática 1997 São Paulo.

REVISTA – Mulher de Hoje uma publicação bloch 1997 sumário nº. 215.

SALVATORE D.' ONOFRIO, Literatura Ocidental autores e obras fundamentais, editora Ática S.A. 1990.

ANEXOS

Florbela Espanca

Florbela de Alma da Conceição Espanca nasceu em Vila Viçosa (Alentejo), em 1894. Seus primeiros versos datam dos anos em que fez o curso secundário em Évora, e que somente viriam a ser reunidos em volume depois de sua morte, com o título de *Juvenília* (1931). Malogrado seu casamento, vai para Lisboa com o fito de seguir Direito, e nesse mesmo ano (1919) publica *Livro de Mágoas*, que passa despercebido. Igual destino terá a obra seguinte, *Livro de Sóror Saudade*, dado a lume em 1923. Novamente infeliz no casamento, retira-se do convívio social, embora continue a escrever poesia e a publicá-la ao acaso. Recolhe-se a Matosinhos, já agora simulada pelas renovadas esperanças de felicidade conjugal, mas seus nervos entram a dar sinal de exaustão. Morre, talvez de suicídio, em 1930. Escreveu poesia (*Juvenília*, 1931; *Livro de Mágoas*, 1919; *Livro de Sóror Saudade*, 1923; *Reliquiae*, 1931; *Charneca em Flor*, 2ª ed., 1931) e contos (*As Máscaras do Destino*, 1931; *Dominó Negro*, 1931).

EU

Eu sou a que no mundo anda perdida
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa tênue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber por quê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver
E que nunca na vida me encontrou!

AMBICIOSA

Para aqueles fantasmas que passaram,
Vagabundos a quem jurei amar.
Nunca os meus braços lânguidos traçaram
O vôo dum gesto para os alcançar...

Se as minhas mãos em garra se cravaram
Sobre um amor em sangue a palpitar...
– Quantas panteras bárbaras mataram
Só pelo raro gosto de matar!

Minha alma é como a pedra funerária
Erguida na montanha solitária
Interrogando a vibração dos céus!

O amor dum homem? – Terra tão pisada,
Gota de chuva ao vento baloiçada...
Um homem? – Quando eu sonho o amor dum Deus!...

(*Sonetos Completos*, com um estudo de José Régio, Coimbra, Gonçalves, 1952, pp. 35, 69, 120, 130 e 132.)

SÓROR SAUDADE

A Américo Durão

Irmã Sóror Saudade me chamaste...
E na minh'alma o nome iluminou-se
Como um vitral ao sol, como se fosse
A luz do próprio sonho que sonhaste.

Numa tarde de outono o murmuraste;
Toda a mágoa do outono ele me trouxe;
Jamais me hão de chamar outro mais doce:
Com ele bem mais triste me tornaste...

E baixinho, na alma de minh'alma,
Como bênção de sol que afaga e acalma,
Nas horas más de febre e de ansiedade,

Como se fossem pétalas caindo,
Digo as palavras desse nome lindo
Que tu me deste: Irmã Sóror Saudade...

NOITINHA

A noite sobre nós se debruçou...
Minha alma ajoelha, põe as mãos e ora!
O luar, pelas colinas, nesta hora,
É a água dum gomil que se entornou...

Não sei quem tanta pérola espalhou!
Murmura alguém pelas quebradas fora...
Flores do campo, humildes, mesmo agora,
A noite, os olhos brandos, lhes fechou...

Fumo beijando o colmo dos casais...
Serenidade idílica de fontes,
E a voz dos rouxinóis nos salgueirais...

Tranqüilidade... calma... anoitecer...
Num êxtase, eu escuto pelos montes
O coração das pedras a bater...

AMAR!

Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui... além...
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...
Prender ou desprender? É mal? É bem?
Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder... pra me encontrar...

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

ESFINGE

Sou filha da charneca erma e selvagem:
Os giestais, por entre os rosmaninhos,
Abrindo os olhos d'ouro, p'los caminhos,
Desta minh'alma ardente são a imagem.

E ansiosa desejo – ó vã miragem –
Que tu e eu, em beijos e carinhos,
Eu a Charneca, e tu o Sol, sozinhos,
Fôssemos um pedaço da paisagem!

E à noite, à hora doce da ansiedade,
Ouviria da boca do luar
O *De Profundis* triste da saudade...

E, à tua espera, enquanto o mundo dorme,
Ficaria, olhos quietos, a cismar...
Esfinge olhando, na planície enorme...

À MORTE

Morte, minha Senhora Dona Morte,
Tão bom que deve ser o teu abraço!
Lânguido e doce como um doce laço
E como uma raiz, sereno e forte.

Não há mal que não sare ou não conforte
Tua mão que nos guia passo a passo,
Em ti, dentro de ti, no teu regaço
Não há triste destino nem má sorte.

Dona Morte dos dedos de veludo,
Fecha-me os olhos que já viram tudo!
Prende-me as asas que voaram tanto!

Vim da Mourama, sou filha de rei,
Má fada me encantou e aqui fiquei
À tua espera... quebra-me o encanto!

(*Sonetos Completos*, ed. cit., pp. 86 e 194.)

MOISÉS MASSAUD - A literatura Portuguesa Através dos Textos. ed. cultrix 22ª edição - São Paulo.

A PARTIDA DO TREM

A PARTIDA era na Central com seu relógio enorme, o maior do mundo. Marcava seis horas da manhã. Angela Pralini pagou o táxi e pegou sua pequena valise. Dona Maria Rita Alvarenga Chagas Souza Melo desceu do Opala da filha e encaminharam-se para os trilhos. A velha bem vestida e com jóias. Das rugas que a disfarçavam saía a forma pura de um nariz perdido na idade, e de uma boca que outrora devia ter sido cheia e sensível. Mas que importa. Chega-se a um certo ponto — e o que foi não importa. Começa uma nova raça. Uma velha não pode comunicar-se. Recebeu o beijo gelado de sua filha que foi embora antes do trem partir. Ajudara-a antes a subir no vagão. Sem que neste houvesse um centro, ela se colocara do lado. Quando a locomotiva se pôs em movimento, surpreendeu-se um pouco: não esperava que o trem seguisse nessa direção e sentara-se de costas para o caminho.

Angela Pralini percebeu-lhe o movimento e perguntou:

— A senhora deseja trocar de lugar comigo?

Dona Maria Rita se espantou com delicadeza, disse que não, obrigada, para ela dava no mesmo. Mas parecia ter-se perturbado. Passou a mão sobre o camafeu filigranado de ouro, espetado no peito, passou a mão pelo broche, tirou-a, levou-a ao chapéu de feltro com uma rosa de pano, retirou-a. Seca. Ofendida? Perguntou afinal a Angela Pralini:

— É por causa de mim que a senhorita deseja trocar de lugar?

Angela Pralini disse que não, surpreendeu-se, a velha se surpreendeu pelo mesmo motivo: não se recebe favor de uma velhinha. Ela sorriu um pouco demais e os lábios cobertos de talco se partiram em sulcos secos: ela estava encantada. E um pouco agitada:

— Que amabilidade a sua, disse-lhe, que gentileza.

Houve um movimento de perturbação porque Angela Pralini riu também, e a velha continuava a rir, mostrando a dentadura bem areada. Deu discretamente um puxão para baixo na cinta que a apertava demais.

— Que amabilidade, repetiu.

Recompôs-se um pouco depressa, cruzou as mãos sobre a bolsa que continha tudo o que se pudesse imaginar. As rugas, enquanto ela rira, haviam tomado um sentido, pensou Angela. Agora estavam de novo incompreensíveis, superpostas num rosto de novo imodelável. Mas Angela tirara-lhe a tranqüilidade. Já vira muita moça nervosa que se dizia: se eu rir um pouco mais estrago tudo, vai ser ridículo, tenho que parar — e era impossível. A situação era muito triste. Com imensa piedade, Angela viu a cruel verruga no queixo, verruga da qual saía um pêlo preto e espetado. Mas Angela lhe tirara a tranqüilidade. Via-se que sorriria a qualquer momento: Angela pusera a velha nas pontas dos pés. Agora ela era uma dessas velhinhas que parecem pensar que estão sempre atrasadas, que passaram da hora. Daí a um segundo não se conteve, ergueu-se e espiou pela sua janela, como se fosse impossível manter-se sentada.

— A senhora está querendo levantar o vidro? disse um rapaz que ouvia no rádio de pilha Haendel.

— Ah! exclamou ela aterrorizada.

Oh não!, pensou Angela, estava se estragando tudo, o rapaz não deveria ter dito isso, era demais, não se devia tocá-la de novo. Porque a velha, quase a ponto de perder a atitude de que vivia, quase a ponto de perder certa amargura, tremia como música de cravo entre o sorriso e o extremo encanto:

— Não, não, não, disse ela com falsa autoridade, de modo algum, obrigada, só queria olhar.

Sentou-se imediatamente como se a delicadeza do rapaz e da moça a vigiasse. A velha, antes de subir no trem, persignou-se com três cruzes no coração, beijando discretamente as pontas dos dedos. Estava de vestido preto com gola de renda verdadeira e um camafeu de ouro puro. Na escura mão esquerda as duas alianças grossas de viúva, grossas como não se faziam mais. Ouvia-se do outro vagão o grupo de bandeirantes que cantavam o Brasil agudamente. Felizmente no outro vagão. A música do rádio do

rapaz entrecruzava-se com a música de outro rapaz: estava ouvindo Edith Piaff que cantava J'attendrai.

Fora então que o trem de repente deu um solavanco e as rodas se puseram em movimento. Começara a partida. A velha disse baixinho: Ai Jesus! Ela se banhava na calda de Jesus. Amém. Pelo rádio de pilha de uma senhora soube-se que eram seis e trinta da manhã, manhã friagenta. A velha pensou: o Brasil melhorava a sinalização de suas estradas. Um tal de Kissinger parecia mandar no mundo.

Ninguém sabe onde estou, pensou Angela Pralini, e isso assustava-a um pouco, ela era uma fugida.

— Meu nome é Maria Rita Alvarenga Chagas Souza Melo — Alvarenga Chagas era o sobrenome do meu pai, acrescentou em pedido de desculpa por ter que falar tantas palavras só em dizer seu nome. Chagas, acrescentou com modéstia, eram as Chagas de Cristo. Mas pode me chamar de dona Maria Ritinha. E o seu nome?, a sua graça qual é?

— Meu nome é Angela Pralini. Vou passar seis meses na fazenda de meus tios. E a senhora?

— Ah, eu vou para a fazenda de meu filho, vou ficar lá para o resto da vida, minha filha me trouxe até o trem e meu filho me espera com a charrete na estação. Sou como um embrulho que se entrega de mão em mão.

Os tios de Angela não tinham filhos e tratavam-na como filha. Angela lembrou-se do bilhete que deixara para Eduardo: "Não me procure. Vou desaparecer de você para sempre. Te amo como nunca. Adeus. Tua Angela não foi mais tua porque você não quis."

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Ficaram em silêncio. Angela Pralini entregou-se ao ruído cadenciado do trem. Dona Maria Rita olhou de novo para o próprio anel de brilhantes e pérola no seu dedo, alisou o camafeu de ouro: "Sou velha mas sou rica, mais rica que todos aqui no vagão. Sou rica, sou rica." Espiou o relógio, mais para ver a grossa placa de ouro do que para ver as horas. "Sou muito rica, não sou uma velha qualquer." Mas sabia, ah bem sabia que era uma velhinha qualquer, uma velhinha assustada pelas menores coisas. Lembrou-se de si, o dia inteiro sozinha na sua cadeira de balanço, sozinha com os criados, enquanto a filha "public relations" passava o dia fora, só chegava às oito da noite, e nem sequer lhe dava um beijo. Acordara-se neste dia às cinco da manhã, tudo ainda escuro, fazia frio.

Depois da delicadeza do rapaz estava extraordinariamente agitada e sorridente. Parecia enfraquecida. No riso ela se revelava uma dessas velhinhas cheias de dentes. A crueldade deslocada dos dentes. O rapaz já se tinha afastado. Ela abria e fechava as pálpebras. De repente bateu com os dedos na perna de Angela, com extrema rapidez e suavidade:

— Hoje todos estão verdadeiramente, mas verdadeiramente amáveis! que gentileza, que gentileza.

Angela sorriu. A velha ficou sorrindo sem tirar os olhos profundos e vazios dos olhos da moça. Vamos, vamos, chicoteavam-na de todos os lados, e ela espiava para cá e para lá como se fosse escolher. Vamos, vamos! empurravam-na rindo de todos os lados e ela se sacudia ridente, delicada.

— Como todos são amáveis neste trem, disse.

Subitamente procurou se recompor, pigarreou falsamente, se conteve toda. Devia ser difícil. Receava ter chegado a um ponto de não poder interromper-se. Manteve-se em severidade e tremor, fechou os lábios sobre os inúmeros dentes. Mas não podia enganar a ninguém: seu rosto tinha uma tal esperança que perturbava os olhos que a viam. Ela já não dependia de ninguém: uma vez que a tinham tocado, podia-se ir embora — ela sozinha se irradiava magra, alta. Ainda quereria dizer qualquer coisa e já preparava um gesto social de cabeça, cheio de graça prévia. Angela se perguntava se ela saberia se exprimir. Ela pareceu pensar, pensar, e achar com ternura um pensamento já todo feito onde mal e mal podia aconchegar seu sentimento. Disse com cuidado e sabedoria de ancião, como se precisasse tomar esse ar para falar como velha:

— A juventude. A juventude amável.

Riu um pouco fingida. Ia ter uma crise de nervos? pensou Angela Pralini. Porque estava tão maravilhosa. Mas pigarreou de novo com austeridade, deu no banco uma batidinha com as pontas dos dedos como se ordenasse com urgência à orquestra uma nova partitura. Abriu a bolsa, tirou um quadradinho de jornal, desdobrou-o, desdobrou-o, até torná-lo um jornal grande e normal, datado de três dias atrás — Angela viu pela data. Pôs-se a ler.

Angela tinha perdido sete quilos. Na fazenda iria comer que não era vida: tutu de feijão e couve mineira, para recuperar os preciosos quilos perdidos. Estava magra assim por tentar acompanhar o raciocínio brilhante e ininterrupto de Eduardo: bebia

café sem açúcar sem parar para se manter acordada. Angela Pralini tinha os seios muito bonitos, eram seu ponto forte. Tinha as orelhas em ponta e uma boca bonita arredondada, beijável. Os olhos com olheiras profundas. Ela aproveitava o apito gritado do trem para que ele fosse o seu próprio grito. Era um berro agudo, o seu, só que virado para dentro. Era a mulher que mais bebia uísque no grupo de Eduardo. Agüentava de 6 a 7 de uma vez, mantendo uma lucidez de terror. Na fazenda iria beber leite grosso de vaca. Uma coisa unia a velha a Angela: ambas iam ser recebidas de braços abertos, mas uma não sabia isso da outra. Angela de súbito estremeceu: quem daria o último dia de vermífugo ao cachorro. Ah, Ulisses, pensou ela para o cão, não te abandonei por querer, é que eu precisava fugir de Eduardo, antes que ele me arruinasse totalmente com sua lucidez: lucidez que iluminava demais e crestava tudo. Angela sabia que os tios tinham remédio contra picada de cobra: pretendia entrar em cheio na floresta espessa e verdejante, com botas altas e besuntada de remédio contra picada de mosquito. Como se saísse da estrada Transamazônica, a exploradora. Que bichos encontraria? Era melhor levar uma espingarda, comida e água. E uma bússola. Desde que descobrira — mas descobrira realmente com um tom espantado — que ia morrer um dia, então não teve mais medo da vida, e, por causa da morte, tinha direitos totais: arriscava tudo. Depois de ter tido duas uniões que haviam terminado em nada, esta terceira que terminava em amor-adoração, cortada pela fatalidade do

desejo de sobreviver. Eduardo a transformara: fizera-a ter olhos para dentro. Mas agora ela via para fora. Via através da janela os seios da terra, em montanhas. Existem passarinhos, Eduardo! existem nuvens, Eduardo! existe um mundo de cavalos e cavalas e vacas, Eduardo, e quando eu era uma menina cavalgava em corrida num cavalo nu, sem sela! Eu estou fugindo do meu suicídio, Eduardo. Desculpe, Eduardo, mas não quero morrer. Quero ser fresca e rara como uma romã.

A velha fingia que lia jornal. Mas pensava: seu mundo era um suspiro. Não queria que os outros a acreditassem abandonada. Deus me deu saúde para eu viajar só. Também sou boa de cabeça, não falo sozinha e eu mesma é que tomo banho todos os dias. Cheirava a água de rosas murchas e maceradas, era o seu perfume idoso e mofado. Ter um ritmo respiratório, pensou Angela da velha, era a coisa mais bela que ficara desde que dona Maria Rita nascera. Era a vida.

Dona Maria Rita pensava: depois de velha começara a desaparecer para os outros, só a viam de relance. Velhice: momento supremo. Estava alheia à estratégia geral do mundo e a sua própria era parca. Perdera os objetivos de maior alcance. Ela já era o futuro.

Angela pensou: acho que se eu encontrasse a verdade, não poderia pensá-la. Seria impronunciável mentalmente.

A velha sempre fora um pouco vazia, bem, um pouquinho. Morte? era esquisito, não fazia parte dos dias. E mesmo "não existir" não existia, era im-

possível não-existir. Não existir não cabia na nossa vida diária. A filha não era carinhosa. Em compensação o filho era tão carinhoso, bonachão, meio gordo. A filha era sequinha como seus beijos rápidos, a "public relations". A velha tinha certa preguiça de viver. A monotonia, porém, era o que a sustentava.

Eduardo ouvia música com o pensamento. E *entendia* a dissonância da música moderna, só sabia *entender*. Sua inteligência que a afogava. Você é uma temperamental, Angela, disse-lhe ele uma vez. E daí? Que mal há nisso? Sou o que sou e não o que pensas que sou. A prova que sou está nesta partida do trem. Minha prova também é dona Maria Rita, aí defronte. Prova de quê? Sim. Ela já tivera plenitude. Quando ela e Eduardo estavam tão apaixonados um pelo outro que estando juntos numa cama, de mãos dadas, eles sentiam a vida completa. Pouca gente conheceu a plenitude. E, porque a plenitude é também uma explosão, ela e Eduardo covardemente passaram a viver "normalmente". Porque não se pode prolongar o êxtase sem morrer. Separaram-se por um motivo fútil quase inventado: não queriam morrer de paixão. A plenitude é uma das verdades encontradas. Mas o rompimento necessário fora para ela uma ablação, assim como há mulheres de quem são tirados o útero e os ovários. Vazia por dentro.

Dona Maria Rita era tão antiga que na casa da filha estavam habituados a ela como a um móvel velho. Ela não era novidade para ninguém. Mas nunca lhe passara pela cabeça que era uma solitá-

ria. Só que não tinha nada para fazer. Era um lazer forçado que em certos momentos se tornava lancinante: nada tinha a fazer no mundo. Senão viver como um gato, como um cachorro. Seu ideal era ser dama de companhia de alguma senhora, mas isso nem se usava mais e mesmo ninguém acreditaria nos seus fortes setenta e sete anos, pensariam que ela era fraca. Não fazia nada, fazia só isso: ser velha. Às vezes ficava deprimida: achava que não servia a nada, não servia sequer a Deus. Dona Maria Ritinha não tinha inferno dentro dela. Por que os velhos, mesmo os que não tremem, sugeriam algo delicadamente trêmulo? Dona Maria Rita tinha um tremor quebradiço de música de sanfona.

Mas quando se trata da vida mesmo — quem nos ampara? pois cada um é um. E cada vida tem que ser amparada por essa própria vida desse cada-um. Cada um de nós: eis com que contamos. Como dona Maria Rita sempre fora uma pessoa comum, achava que morrer não era coisa normal. Morrer era surpreendente. Era como se ela não estivesse à altura do ato de morte, pois nunca lhe acontecera até agora nada de extraordinário na vida que viesse justificar de repente outro fato extraordinário. Falava e até pensava na morte, mas no fundo era cética e suspeitosa. Achava que se morria quando havia um desastre ou alguém matava alguém. A velha tinha pouca experiência. Às vezes tinha taquicardia: bacanal do coração. Mas só isso e mesmo assim desde mocinha. No seu primeiro beijo, por exemplo, o coração se desgovernara. E fora uma coisa boa em limite com o ruim. Alguma coisa que lembrava seu

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

passado, não como fatos mas como vida: uma sensação de vegetação em sombra, tinhorões, samambaias, avencas, frescor esverdeado. Quando sentia isso de novo, sorria. Uma das palavras mais eruditas que usava era "pitoresco". Era bom. Era como ouvir o marulho de uma fonte e não saber onde ela nascia.

Um diálogo que ela fazia consigo mesma:

— Está fazendo alguma coisa?

— Estou sim: estou sendo triste.

— Não se incomoda de ficar sozinha?

— Não, eu penso.

Às vezes não pensava. Às vezes a pessoa ficava sendo. Não precisava fazer. Ser já era um fazer. Podia-se ser devagar ou um pouco depressa.

No assento de trás, duas mulheres falavam e falavam sem parar. Seus sons constantes se fundiam no barulho das rodas do trem nos trilhos.

Bem que dona Maria Rita esperara que a filha ficasse na plataforma do trem para dar-lhe um adeuzinho mas isto não aconteceu. O trem imóvel. Até que dera a arrancada.

— Angela, disse ela, uma mulher nunca diz a idade, por isso só posso lhe dizer que é muita mesmo. Não, com você — posso chamar de você? — com você vou fazer uma confidência: tenho setenta e sete anos.

— Eu tenho trinta e sete, disse Angela Pralini. Eram sete horas da manhã.

— Quando eu era moça eu era muito mentirozinha. Mentia à toa.

Depois, como se ela tivesse se desencantado da magia da mentira, parara de mentir.

Angela, olhando a velha dona Maria Rita, teve medo de envelhecer e morrer. Segura minha mão, Eduardo, para eu não ter medo de morrer. Mas ele não segurava nada. Só fazia era: pensar, pensar e pensar. Ah, Eduardo, quero a doçura de Schumann! A sua vida era uma vida desfeita, evanescente. Faltava-lhe um osso duro, áspero e forte, contra o qual ninguém pudesse nada. Quem seria esse osso essencial? Para afastar a sensação de enorme carência, pensou: como é que na Idade Média eles faziam sem telefone e sem avião? Mistério. Idade Média, eu vos adoro e as tuas nuvens pretas e carregadas que desembocaram na Renascença luminosa e fresca.

Quanto à velha, desligara-se. Olhava para o nada.

Angela olhou-se no pequeno espelho da bolsa. Pareço-me com um desmaio. Cuidado com o abismo, digo àquela que se parece com um desmaio. Quando eu morrer vou sentir tanta saudade de você, Eduardo! A frase não resistia à lógica porém tinha em si um imponderável sentido. Era como se ela quisesse exprimir uma coisa e exprimisse outra.

A velha já era o futuro. Parecia ter vergonha. Vergonha de ser velha? Em algum ponto de sua vida deveria com certeza ter havido um erro, e o resultado era esse estranho estado de vida. Que no entanto não a levava à morte. A morte era sempre uma tal surpresa para quem morria. Tinha, porém, orgulho de não babar nem fazer pipi na cama, como se essa forma de saúde bravia tivesse meritoriamente sido o resultado de um ato de vontade sua. Só não era uma dama, uma senhora de idade, por não ter arrogância: era uma velhinha digna que de repente tomava um ar assustadiço. Ela — bem, ela se elogiava a si mesma, considerava-se uma velha cheia de precocidade como criança precoce. Mas a verdadeira intenção de sua vida, ela não sabia.

Angela sonhava com a fazenda: lá se ouviam gritos, latidos e uivos, de noite. "Eduardo", pensou ela para ele, "eu estava cansada de tentar ser o que você achava que sou. Tem um lado mau — o mais forte e o que predominava embora eu tenha tentado esconder por causa de você — nesse lado forte eu sou uma vaca, sou uma cavala livre e que pateia no chão, sou mulher da rua, sou vagabunda — e não uma "letrada". Sei que sou inteligente e que às vezes escondo isso para não ofender os outros com minha inteligência, eu que sou uma subconsciente. Fugi de você, Eduardo, porque você estava me matando com essa sua cabeça de gênio que me obrigava a quase tapar os meus ouvidos com as duas mãos e quase gritar de horror e cansaço. E agora vou ficar seis meses na fazenda, você não sabe onde estarei, e todos os dias tomarei banho no rio misturando com o barro a minha abençoada lama. Sou vulgar, Eduardo! e saiba que gosto de ler histórias de quadrinhos, meu amor, oh meu amor! como te amo e como amo os teus terríveis malefícios, ah como te adoro, escrava tua que sou. Mas eu sou física, meu amor, eu sou física e tive que esconder de ti a glória de ser física. E você, que é o próprio fulgor do raciocínio, embora não saiba, era alimen-

tado por mim. Você, superintelectual e brilhante e deixando todos admirados e boquiabertos".

— Acho, se disse devagarinho a velha, acho que essa moça bonita não se interessa em conversar comigo. Não sei por que, mas ninguém conversa mais comigo. E mesmo quando estou junto das pessoas, elas parecem não se lembrar de mim. Afinal não tenho culpa de ser velha. Mas não faz mal, eu me faço companhia. E mesmo tenho o Nandinho, meu filho querido que me adora.

— O prazer sofrido de se coçar! pensou Angela. Eu, hein, eu que não vou nessa nem noutra — estou livre!!! Estou ficando mais saudável, oh vontade de dizer um desaforo bem alto para assustar todos. A velha não entenderia? Não sei, ela que já deve ter parido várias vezes. Eu não caio nessa de que o certo é ser infeliz, Eduardo. Quero fruir de tudo e depois morrer e eu que me dane! me dane! me dane! Se bem que a velha é capaz de ser infeliz sem saber. Passividade. Eu não vou nessa também, nada de passividade, quero é tomar banho nua no rio barrento que se parece comigo, nua e livre! viva! Três vivas! Eu abandono tudo! tudo! e assim não sou abandonada, não quero depender senão de umas três pessoas e o resto é: Bom dia, tudo bem? tudo bem. Edu, você sabe? eu te abandono. Você, no fundo de seu intelectualismo, não vale a vida de um cão. Eu te abandono, então. E abandono o grupo falsamente intelectual que exigia de mim um vão e nervoso exercício contínuo de inteligência falsa e apressada. Precisei que Deus me abandonasse para que eu sentisse a sua presença. Eu preciso matar al-

guém dentro de mim. Você estragou minha inteligência com a tua que é de gênio. E me obrigou a saber, a saber, a saber. Ah, Eduardo, não se preocupe, levo comigo os livros que você me deu para "seguir um curso em casa", como você queria. Estudarei filosofia perto do rio, pelo amor que tenho por você.

Angela Pralini tinha pensamentos tão fundos que não havia palavras para expressá-los. Era mentira dizer que só se podia ter um pensamento de cada vez: tinha muitos pensamentos que se entrecruzavam e eram vários. Sem falar no "subconsciente" que explode em mim, queira eu ou não queira você. Sou uma fonte, pensou Angela, pensando ao mesmo tempo onde pusera o lenço de cabeça, pensando se o cachorro tinha tomado o leite que lhe deixara, nas camisas de Eduardo, e no seu extremo esgotamento físico e mental. E na velha dona Maria Rita. "Nunca vou esquecer teu rosto, Eduardo". Era um rosto um pouco espantado, espantado com sua própria inteligência. Ele era um ingênuo. E amava sem saber que estava amando. Ia ficar tonto quando descobrisse que ela fora embora, deixando o cachorro e ele. Abandono por falta de nutrição, pensou. Ao mesmo tempo pensava na velha sentada defronte. Não era verdade que só se pensa um pensamento único. Era, por exemplo, capaz de escrever um cheque perfeito, sem um erro, pensando na sua vida, por exemplo. Que não era boa mas enfim era sua. Sua de novo. A coerência, não a quero mais. Coerência é mutilação. Quero a desordem. Só adivinho através de uma veemente incoerência. Para meditar

tirei-me antes de mim e sinto o vazio. É no vazio que se passa o tempo. Ela que adorava uma boa praia, com sol, areia e sol. O homem está abandonado, perdeu o contato com a terra, com o céu. Ele não vive mais, ele existe. O ar entre ela e Eduardo Gomes era de emergência. Ele a transformara numa mulher urgente. E que, para manter acordada a urgência, tomava drogas excitantes que a emagreciam cada vez mais e tiravam-lhe a fome. Quero comer, Eduardo, estou com fome, Eduardo, fome de muita comida! Sou orgânica!

"Conheça hoje o supertrem de amanhã". Seleções do Reader's Digest que ela às vezes lia escondida de Eduardo. Era como as Seleções que diziam: conheça hoje o supertrem de amanhã. Positivamente não o estava conhecendo hoje. Mas Eduardo era o supertrem. Super tudo. Ela conhecia hoje o super de amanhã. E não suportava. Não suportava o moto-perpétuo. Você é o deserto, e eu vou para a Oceania, para os mares do Sul, para as ilhas Taiti. Se bem que estragadas pelos turistas. Você não passa de um turista, Eduardo. Vou para a minha própria vida, Edu. E digo como Fellini: na escuridão e na ignorância crio mais. A vida que tinha com Eduardo tinha cheiro de farmácia nova recém-pintada. Ela preferia o cheiro vivo de estrume por mais nojento que fosse. Ele era correto como uma quadra de tênis. Aliás, praticava tênis para manter a forma. Enfim, ele era um chato que ela amava e quase não amava mais. Estava recobrando no trem mesmo a sua saúde mental. Continuava apaixonada por Eduardo. E ele, sem saber, também estava por ela.

Eu que não consigo fazer nada certo, exceto omeletes. Com uma só mão quebrava ovos com uma rapidez incrível, e os despejava na vasilha sem derramar uma gota. Eduardo morria de inveja de tanta elegância e eficiência. Ele às vezes fazia palestras nas universidades e adoravam-no. Ela também assistia, ela também o adorando. Como era mesmo que ele começava? "Sinto-me pouco à vontade ao ver as pessoas se levantando quando ouvem anunciar que eu falarei". Angela tinha sempre medo que elas se retirassem e o deixassem sozinho.

A velha, como se tivesse recebido uma transmissão de pensamento, pensava: que não me deixem sozinha. Que idade mesmo eu tenho? Ah já nem sei.

Logo em seguida ela esvaziou seu pensamento. E era tranqüilamente nada. Mal existia. Era bom assim, muito bom mesmo. Mergulhos no nada.

Angela Pralini, para se acalmar, contou-se uma história bem calmante, bem tranqüila: era uma vez um homem que gostava muito de jabuticabas. Então ele foi para um pomar onde havia árvores carregadas de protuberâncias negras, lisas e lustrosas, que lhe caíam nas mãos todas entregues e que das mãos lhe caíam aos pés. Era tal a abundância de jabuticabas que ele se dava ao luxo de pisá-las. E elas faziam um barulho muito gostoso. Faziam assim: cloc-cloc-cloc etc. Angela acalmou-se como o homem das jabuticabas. Na fazenda tinha jabuticabas e ela iria fazer com os pés nus o "cloc-cloc" macio e úmido. Nunca sabia se devia ou não engolir os caroços. Quem iria responder essa pergunta?

pessoas que andavam pelas ruas. Os dois às vezes eram coniventes, tinham uma vida secreta porque ninguém os compreenderia. E mesmo porque os raros são perseguidos pelo povo que não tolera a insultante ofensa dos que se diferenciavam. Eles escondiam o amor deles para não ferir os olhos dos outros de inveja. Para não feri-los com uma centelha luminosa demais para olhos.

Au, au, au, latira o meu cachorro. Meu grande cachorro.

A velha pensou: sou uma pessoa involuntária. Tanto que, quando ria — o que era raro — não se sabia se ria ou chorava. Sim. Ela era involuntária.

Enquanto isso Angela Pralini efervescendo como as bolhinhas da água mineral Caxambu, era uma: de repente. Assim: de repente. De repente o quê? Só de repente. Zero. Nada. Estava com trinta e sete anos e pretendia a cada instante recomeçar sua vida. Como as bolhinhas efervescentes da água Caxambu. As sete letras de Pralini davam-lhe força. As seis letras de Angela tornavam-na anônima.

Com um longo apito uivado, chegava-se à pequena estação onde Angela Pralini saltaria. Pegou sua valise. No intervalo entre o boné do carregador e do nariz de uma jovem, lá estava a velha dormindo inflexível, a cabeça empertigada sob o chapéu de feltro, um punho fechado sobre o jornal.

Angela desceu do vagão.

Naturalmente isso não tinha a menor importância: há pessoas que são sempre levadas a se arre-

pender, é um traço de certas naturezas culpadas. Mas ficou-a perturbando a visão da velha quando acordasse, a imagem de seu rosto espantado diante do banco vazio de Angela. Afinal ninguém sabia se ela adormecera por confiança nela.

Confiança no mundo.

O AMOR ETERNO PASSEIA DE ÔNIBUS

Vou atribuir esta história ao Rubem Braga. Primeiro, porque acho que foi ele que me contou há muito tempo. Segundo, porque, se não foi ele, deveria ter sido, já que a história tem toda a cara de Rubem Braga.

Pois bem, antigo apaixonado pela praia e observador atento de seus freqüentadores, Rubem reparava num casal de velhinhos que todo dia, ao final da tarde, passeava na calçada. Iam de mãos dadas, olhando as ondas, trocando umas poucas palavras, sem pressa, como quem já se disse tudo o que havia de importante para dizer. Às vezes levavam um cão, outras vezes iam sozinhos. Tinham um ar doce e apaziguado que encantava Rubem. Afinal, dizia-se o cronista olhando o casal, o amor é possível e, na nossa pequena medida, pode até mesmo ser eterno.

A vida quis que um dia Rubem conhecesse uma jovem senhora, a qual se revelaria adiante parente do casal de velhinhos. E foi por ela, numa tarde em que louvava encantado o amor daqueles dois, que Rubem ficou sabendo a verdade. Há muito não se amavam, viviam uma vida de fachada por causa dos filhos e netos. Na verdade, ele a odiava e ela o desprezava.

Lembrei-me desta história ontem, viajando de ônibus. Sacolejávamo-nos coletivamente irmanados em plena normalidade quando, numa parada o casal subiu. Eram velhinhos os dois, de uma faixa em que os anos haviam perdido a definição, e já não tinham idade aparente, transformados apenas em demonstração de sobrevivência. Cabeças brancas, ossaturas frágeis, uma hesitação nos gestos, e magros. Assim eram parecidos. E mais além, naquilo que o tempo, trabalhando sobre

os rostos outrora jovens, havia acrescentado, moldando em carne, rugas e expressão as semelhanças que um refletia sobre o outro, no interminável jogo de espelhos da convivência.

Pelo retrovisor, o motorista viu-lhes as cabeças brancas e a fragilidade, e, com imprevisível delicadeza, esperou, para arrancar até que estivessem seguros. De esguelha, os passageiros do ônibus olhavam para eles. Viram quando ele deu a vez para que ela sentasse à janela, quando a ajudou com a bolsa, repararam no gesto instintivo com que se aproximaram um do outro no assento. Vagos sorrisos de ternura suavizaram os lábios dos passageiros do ônibus. Já não sacolejávamos em plena rotina. Algo de diferente havia acontecido.

Alguns quarteirões adiante ele puxou a cordinha, e repetiu-se a cerimônia. O motorista esperou solícito. Ele cedeu a vez à mulher, ajudou-a com a bolsa, foi conduzindo-a pelo braço até a porta, e desceu à sua frente para ajudá-la a saltar. Ninguém se impacientou. Os que estavam sentados do lado direito do ônibus ainda ficaram a vê-los na calçada, enquanto se encaminhavam hesitantes, de braço dado rumo à esquina.

Ao meu lado, o senhor corpulento não resistiu. Sorriu abertamente, e saiu-se num longo discurso de exaltação do amor e das suas possibilidades nesse mundo de máquinas e violência. Outros passageiros comentavam entre si. O coração coletivo daquele ônibus seguia agora mais leve, como se tivesse assistido à confirmação de um milagre.

Lembrei-me então da história do Rubem. Ele a odiava e ela o desprezava. Nada, além dos gestos delicados, garantia à pequena população do ônibus que aquele casal se amava realmente. E os gestos delicados podem ser apenas reflexo de formação, como demonstra qualquer mordomo. O amor encontra outros meios de se manifestar. Mas nós vimos aquilo que queríamos ver. Para as pessoas todas que ali estavam, de repente tornou-se importante acreditar que o casal de velhinhos se amava, se não com a mesma violência, pelo menos com a mesma ternura com que havia começado a se amar tantos anos antes.

Já não se tratava dos velhinhos pessoalmente. Eles haviam-se transformado em símbolo. Cada passageiro daquele ônibus via neles a sua própria possibilidade de amar e ser amado

até a decrepitude, até o fim da vida. Na manhã antes insípida, os velhinhos encarnavam o mito do amor eterno. E o mito passeava de ônibus, para que todos o vissem, e levassem adiante a boa nova.

Talvez, discretos, meus companheiros de viagem não tenham saído por aí alardeando o acontecido. Mas é certo que se sentiram reconfortados, e de si para si cada um murmurou por um instante: "O amor eterno existe. Eu vi um."

1986